ANNO XXIX
NUM. 1.435

O MALHO

Preço para todo o Brasil 1$000

Rio de Janeiro, 15 de Março de 1930

NA TERRA DA LIBERDADE...

A liberdade de voto, no Rio Grande do Sul, foi um facto.

desapparecem
repentinamente com
dois comprimidos
de

Cafiaspirina

que, além disto, restituem ao organismo o seu estado normal de saude.

A CAFIASPIRINA
é absolutamente inoffensiva.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

O Malho

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor Chefe: OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Director - Gerente : ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignatura — Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000; — Estrangeiro: 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. TODA A CORRESPONDENCIA, como toda remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Redacção: 2-1017. Officinas: 8-6247.

Succursal em São Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 86 e 87.

C A R T I E R

Horacio Cartier, esse brilhante homem de letras que tantas vezes deu a'*O Malho* o brilho da sua collaboração e que tantos contos tem divulgado no *Para todos...*, acaba de publicar dois livros: *A Mulher do Illusionista* e o *Concertador de Bonecas*, este de prosa e aquelle de poesias, ambos consagrados, desde logo, pela critica de João Ribeiro, Humberto de Campos e Alberto de Oliveira, havendo o principe dos nossos poetas feito o elogio do autor na Academia Brasileira. João Ribeiro disse que seus versos "eram ainda mais bellos do que elle imaginara" quando lhe conheceu a "prosa rhythmica e eloquente", e Humberto de Campos, depois de lhe analysar longamente o *Concertador de Bonecas*, escreveu, resumindo a impressão dos dois livros:

"Poeta, o Sr. Horacio Cartier, filiado ao modernismo discreto, colloca-se, ás vezes, entre os melhores exemplares de seu grupo. A sua poesia respira sinceridade e mesmo, certa ingenuidade, que se caracteriza pelos poemetos em que figuram creanças, como "Caixa vasia", "O catavento", "O menino agonizante" e "Senhora dos Navegantes". Na "A amante dos urubús" ha traços fortes, em tinta negra, que trazem á memoria Poe e John Keats. Mas eu prefiro, mesmo assim, o prosador ao poeta, insistindo embora, em reconhecer neste, no Brasil, um dos melhores da sua escola, no seu tempo."

Horacio Cartier não é apenas o literato acclamado e victorioso. E' tambem um jornalista cheio de vigor, de curiosidade, de espirito de observação. Os seus livros tinham, pois, que fazer o successo que muito justamente fizeram.

UMA VIDA DE ROMANCE-FOLHETIM

Alla Maschersky, princeza russa, descendente de imperadores persas, é, hoje, criada em Londres

A princeza Alla Meschersky, descendente, em linha recta, de uma das mais nobres familias da Russia imperial, por parte do pae, e dos antigos shas da Persia, por parte da mãe, trabalha, actualmente, como mucama em casa de uma familia londrina.

E' communissimo o caso do antigo fidalgo russo que a revolução atirou na miseria e que se viu obrigado, para manter-se, a acceitar os mais humildes mistéres. Não é este, entretanto, precisamente, o caso da princeza de Merchersky. Esta se encontra em tal situação, conforme ella propria diz, devido a sua má cabeça. Mesmo sem revolução, sem guerra e sem *Soviet*, ella seria o que hoje é: uma mulher que perdeu a sua posição social.

Quando o seu pae, Mitre Meschersky, falleceu, sua mãe convocou segundas nupcias. Alla detestava o padrasto. De modo que, quando estalou a revolução, ella achou que havia chegado a hora de abandonar o lar, numa aventura romanesca e perigosa. Por esse tempo, morreu-lhe o noivo, um official do exercito tzarista, assassinado por soldados vermelhos. Disposta a vingar a morte do seu amado, Alla não encontrou melhor maneira do que alistar-se como espiã do chamado "exercito branco", commandado por Kolchack. Foi enviada para a Turquia, afim de espiar, para descobrir e delatar, os russos que, na capital do Imperio Ottomano, conspiravam em favor do regimen sovietico.

DUELO E MORTE

A vida em Constantinopla era ardua e amarga. Os "vermelhos" tambem tinham o seu corpo de espiões, encarregados de delatar os partidarios do throno. Perseguida por elles, Alla viu-se obrigada a refugiar-se em casa de um mercador turco, amigo de sua familia. Um official do exercito turco enamorou-se, loucamente, da princeza, e uma noite tentou raptal-a. Por sua vez, o mercador, como bom ottomano que era, não poude perdoar aquelle que pretendera desrespeitar as leis santas da hospitalidade. Resultado: um duelo de morte entre os dois homens.

O mercador, mais velho e menos destro no manejo das armas do que o official, levou a peor, recebendo uma estocada que o prostrou para sempre. A tragedia ia, assim, tecendo, em torno da princeza, uma rêde de sangue. Mas, por um instante, pareceu dissipar-se esta nota de tristeza. Alla conheceu e se apaixonou por um official do exercito inglez, garboso como todo official de novella. Viu que a vida sorria outra vez para ella, e que havia, fóra das intrigas da politica russa, uma felicidade que ella podia conquistar. Mas o destino reservava-lhe uma nova decepção: o seu garboso galã era casado!

EM PLENO REDEMOINHO DA VIDA

Alquebrada na sua moralidade, perdida toda a vontade, Alla se entregou, inteiramente, á vida vertiginosa que fez, então de Constantinopla uma das cidades mais alegres e mais perigosas do mundo. As aventuras desta princeza russa, demasiadamente popular nos restaurantes da moda e noutros centros de diversão, chegou aos ouvidos da sua familia, e um tio, velho duque russo, levou-a para Paris. Mas Alla era uma romantica incorrigivel e o coração empurrava-a para Londres, onde morava Henry Baker, que ella conhecera em Constantinopla, durante algumas semanas de idyllio. Foi. A exaltada imagnação dessa mulher, descendente de russos e de persas, idealizava Baker como um principe encantado.

A DOLOROSA DESILLUSÃO

E' Alla quem diz a um jornalista que a entrevistou: "Meus dois grandes amores estavam sepultados para sempre. O primeiro jazia olvidado, debaixo da terra hostil de uma longinqua aldeia ukraniana. O outro, embora vivo, residia na Inglaterra, com mulher e filhos... Baker falava algo do russo. Mas os meus conhecimentos de inglez eram tão parcos, que apenas podia fazer-me comprehender. Foi essa a causa por que não descobri a tempo que classe de homem era Baker. Casámo-nos. Só tinha uma qualidade: era bondoso. E não era homem de algumas posses, como eu o suppunha, mas um simples operario, além de tudo, ignorante e mal educado. Comprehendi onde residem, em verdade, as differenças de classes. Sua maneira de pensar e agir não eram as minhas. Verifiquei que nunca nos poderiamos comprehender um ao outro. Sua bondade — bondade de animal agradecido — exasperava-me. Um dia, brigámos. Foi a primeira e a ultima briga. Elle, tampouco, podia aturar-me. A sua primitiva bondade transformava-se em um mutismo que reçumava odio. Em verdade, a minha maneira de ser, de falar, de agir, era para elle uma cousa surprehendente.

A RONDA DA MISERIA

Separámo-nos. Vi-me em uma modesta casa de pensão, com um bahú cheio de roupas usadas e tres libras esterlinas em minha carteira. Suppuz ganhar a vida, escrevendo canções. Eu possuia uma completa educação musical. Escrevi as canções, mas apenas colloquei algumas por preços humilhantes. Empreguei-me como lavadeira de pratos em um hotel de segunda ordem. Ahi aprendi a fazer toda sorte de trabalhos domesticos. Tive que acceitar essa collocação porque do contrario morreria de fome. Dois dias sem comer são bastantes para transformar qualquer princeza russa numa copeira ordinaria. O trabalho era rude e intoleravel. Por isso, resolvi apresentar-me numa instituição de amparo ás mulheres, que meus paes haviam protegido, quando estiveram em Londres. Mandaram-me como "mulher para todo serviço" á casa em que trabalho, actualmente.

A ETERNA SEREIA

Mas não parou ahi a minha vida de aventuras. O filho da patrôa enamorou-se de mim. A familia, que descobrira a minha identidade, estava de accordo. Mas eu não quiz. Porque já amava outro homem. Um dia, apresentou-se-me um reporter que soubera quem era eu, para entrevistar-me. Quando se despediu, estavamos enamorados um do outro."

Alla espera o fim da acção de divorcio para casar-se com o jornalista que fôra atraz de uma reportagem sensacional e encontrou uma noiva. Mas não se fechará com este casamento. A ex-princeza continuará enamorando-se. Alla precisa de emoções — emoções differentes: umas vezes fortes e outras suaves. Casar-se-á, talvez, com o joven periodista. Viverá, depois de ser uma humilde mucama, alguns mezes de vida tranquilla. Mas o amor de um só homem acabará aborrecendo-a. Com a sua belleza e a sua juventude, talvez se dedique ao theatro, onde fascinará multidões e acabará enamorando-se de um millionario americano. Será rica, mas não feliz. A culpa não é della, mas do estranho sangue que circula nas suas veias. Nobres russos e imperadores persas, essa mescla rara do Oriente sonhador e de um Occidente supersticioso, fizeram desta mulher o que ella é: um ser enygmatico, contraditorio, avido de aventuras extraordinarias, que nasceu para viver, a seu capricho, uma existencia folhetinesca.

O caso da ex-princeza Alla Meschersky é, como se vê, um dos mais singulares que a revolução russa provocou, pelo cunho accentuadamente romantico da sua protagonista.

RECORDAÇÕES DA CASERNA

III

(A PRECE)

A primeira noite de Caserna!...
Que angustia evocal-a! Quantas feridas velhas rebentam de novo no coração da gente! Quão amargas as emoções que se renovam, as visões que a imaginação reconstitue!

* * *

O alojamento — na continuidade das suas camas retorcidas; na penumbra triumphante de uma noite mal illuminada; no desasseio e na desordem de setenta homens rudes que se accomodam para dormir; na physionomia confrangida dos recrutas; na nostalgia da canção que um veterano geme, violão ao peito, arrancando, dedos tremulos, queixumes de saudades ás cordas mal retezadas; no ambiente pesado, claustral que o envolve, — tem alguma cousa de lugubre, que faz lembrar "veladas" funebres.

O relogio pinga, longa, enervante, cathedraticamente, notas agoirentas de orgãos em surdina.

E eu accendo uma vela ao enthusiasmo patriotico que o civismo literario de Bilac despertara no meu coração de moço.

Lembro-me do que disse o grande poeta, com a irresponsabilidade ingenua de quem apenas conhece o serviço militar pelos regulamentos: "O serviço militar é a escola da ordem e da disciplina; é a educação civica obrigatoria; é o asseio obrigatorio, a hygiene obrigatoria".

Pobre poeta! Como foste enganado! Como te mentiram as estrellas que ouviste! Quanta maldade em me fazeres "pálido de espanto" ao ter, depois de sonhar comtigo, tanta belleza, desillusão tamanha!

* * *

O relogio geme, uma a uma, as dez horas da noite que soffremos.

Céssam as vibrações do violão, páram as notas de saudade da canção. A corneta grita silencio, num grito metallico sem fim, penetrante, que arranha a alma da gente.

Silencio! Silencio! berram o cabo de dia e os plantões.

Silencio! repetem os dorminhocos, "borrachos" de somno.

E o recruta, no silencio mal desfarçado que a corneta ditou, pensa, sente, evoca...

A familia distante, lá longe, ao pé da roça exhuberante, arrebentando em flores e frutos, em cachos e espigas que o trabalho gestaram... a namorada, bonita e sadia, que o esperava, á beira do regato, para os beijos quentes de amor... o "rompe-nuve", o cão amigo, que o acompanhava, através as veredas humosas, á roça e á "espera" da caça... a "lazzarina", a companheira querida nas caminhadas á Barra Funda e ao Lageado... a estrada branca serpenteada, que abraça o "terreiro" da casa... os amigos, os companheiros do fandango, do tambor e do "bumba-meu-boi", nas noites de festas violentas, de "pingas", de amores, de mulheres... a liberdade... a liberdade, que se foi...

As lagrimas vêm, pressurosas, mitigar a angustia immensa do recruta. E rolam, umas, grossas, salobras pelo rosto immovel, outras, immensuraveis, incalculadas, encharcam o coração e provocam os suspiros profundos, denunciadores, que sacodem o corpo.

O recruta, abatido, vencido moralmente pelos homens e pelas instituições madastas, desata o pensamento daquella angustia e o leva a excursões pelo Reino de seu Deus...

Ajoêlha-se no soalho para rezar. Faz o Signal da Cruz: "Em nome do Padre, do Filho, do Espirito Santo. Amen".

Mãos postas, os olhos levantados para o forro carunchoso do alojamento, a alma transportada ás regiões altissimas do consolo religioso, inicia a primeira oração catholica, aquella que aprendeu em criança, junto á redinha do "quarto dos meninos", pela voz de encantamento de sua mãi: — "Padre Nosso, que estaes no Céo..."

E recebe, em pleno rosto, violentamente, um travesseiro, que veiu não se sabe donde..

Ha um sussurro de risos abafados, risos de ironia e de mófa...

Um veterano menos deshumano levanta o corpo da cama e diz ao recruta, assaltado de um anniquilamento moral que o pregou, de joelhos, entre aquelle bando de attilas do sentimento, como se fosse elle uma flôr exotica de emoção num canteiro de ruinarias affectivas e religiosas:

"Levante-se, "seu trouxa!" A reza daqui são o Hymno Nacional e o Regulamento do Xadrez".

* * *

E o recruta atira-se, de bôrco, na cama, aos soluços...

JOSE' MATTOS

M O D A S . . .

Apresento ás minhas leitoras, nos modelos da figura acima, quatro vestidos de um effeito absolutamente novo, obtido pelo emprego de tulles recentemente creados. São de uma resistencia que parece contrastar com sua extrema leveza e convém maravilhosamente ás saias longas consagradas pela moda. O primeiro, em tulle negro, é guarnecido de galões até os quadris e em baixo, na saia. O segundo é em tulle marron com applicações de lamé ouro. O terceiro, em tulle preto, tem uma fita prateada seguindo o decote e terminando em laço. A saia é mais longa atraz. O ultimo, tambem preto, em tulle de malhas bem largas, tem como adorno unico uma fita brilhante, verde, na cintura, e uma applicação, do lado esquerdo, de um motivo bordado a perolas negras.

Para os passeios maritimos e o "footing" em Copacabana ou Icarahy, têm as minhas leitoras esse gracioso costume, que póde ser confeccionado em linho azul, rosa, verde ou "fraise", conforme o gosto. Blusa branca de cambraia. Saia com pregas largas e fundas. — Gracioso e pratico este vestido, que póde ser em tricoline de seda, crêpe ou voile estampado. E' guarnecido de tiras do mesmo tecido em côr lisa, presas por argolas de galalithe e tem uma especie de pala na saia.

Este vestido é uma linda combinação do branco com o preto. A blusa é branca, drapeada na cintura, golla transpassada terminando em jabot. Saia preta, com um godet na frente. Deve ser executado em setim ou crêpe-setim.

A nova moda que alonga os vestidos e torna mais esbeltas as mulheres, não tardou a merecer o favor de nossas elegantes patricias.

Não haverá uma só que ouse aventurar-se de vestido curto em salas de baile ou recepção. E essa linha é diversamente interpretada pelos costureiros parisienses.

Assim, uns alongam igualmente toda a saia á volta dos pequeninos pés calçados de lamé; outros querem-nas mais curtas adeante do
que não vae além dos tacões; outros
que não vae além dos tacões; outros
a arranjam de modo a deixar ver a perna durante os movimentos, ao andar.

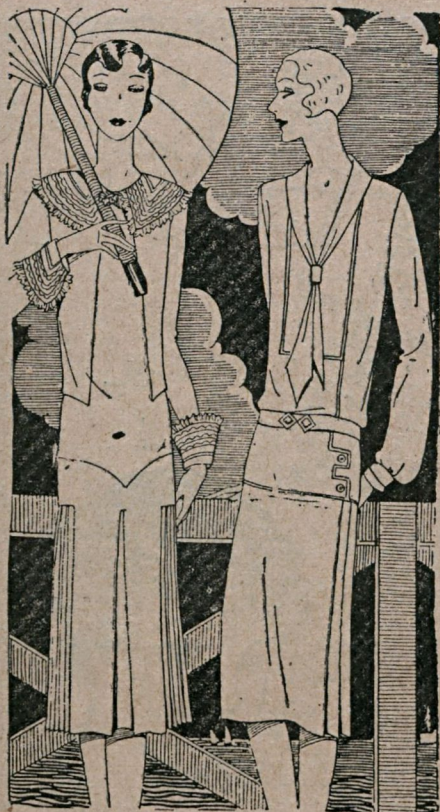
Quasi todos elevam e assignalam a cintura, seja por effeitos princeza, seja por drapeados, pequenas pregas ou simplesmente "pinces".

Para a rua, entretanto, continúa com a soberania a saia curta — não pelo joelho, como ainda tão recentemente se usava, mas um pouco mais abaixo, uns dez ou quinze centimetros approximadamente.

Voltam a usar-se, tambem, as mangas curtas. E' uma moda bastante graciosa, mas... expõe ao risco de se queimarem ao sol impiedoso, que deixa sempre marca sobre a pelle, os bonitos braços de suas adeptas. E' moda deixar-se queimar pelo sol, ter a pelle bronzeada como a dos primitivos habitantes desse nosso grande Brasil. E' moda? Póde sêr... mas tão falta de bom gosto, tão anti-esthetica!...

P e r d ô a - me a franqueza, leitora que tens a pelle queimada de sol... e por amor á belleza deixa que ella torne á côr natural, clara ou morena.

MARYSE

Eis um vestido proprio para jantares de pouca cerimonia ou visitas á tarde, que é uma feliz combinação de velludo e renda. Sua originalidade consiste menos no ser muito justo e nos dois babados em viez, abertos de um lado e cahindo em pontas, do que nos laços de velludo preto que o enfeitam.

O primeiro desses dois modelos é em crêpe da China azul, saia preguеada dos lados, golla e punhos lingerie em crêpe da China encarnado com recortes simulando pala na saia que tem pregas no lado esquerdo. Golla fichu beige claro. Encantador e simples esse vestido. E' em crêpe fosco e brilhante, saia em godets e golla jabot. — Este vestido, elegante e sobrio, é em crêpe ou setim preto com plastron e punhos de georgette preto, cinza e branco. Em vez dessas tres côres podem os punhos e plastron ser em azul ou rosa em tres tons degradés. A saia, ligeiramente em fórma. —

Os detalhes desempenham um grande papel na perfeição da elegancia feminina. Eis aqui alguns de muito gosto que convêm particularmente ás toilettes sobias.

EMENTARIO

I
FUZARCA CARNAVALESCA

Nos momentos de lazer eu me alegro com o reverso das medalhas. E deixo o commum da minha vida pelos encantos das coisas chãs e barbaras.

Acabo de ler, nos jornaes cariocas a chronica carnavalesca dos folguedos promettidos para o domingo gordo. A Festa do Entrudo começa sempre em 1º de Janeiro. Todos sabemos que no Districto Federal se homenagêa, religiosamente, factos serios, como, por exemplo, o Carnaval Carioca é alegre, e alegria de carioca é confortante, sadia. Os instinctos desse povo bom e ordeiro se manifestam, sobremodo, quando o grande *Deus Momo* desce do seu reino desconhecido e vem bebericar a agua gostosa da Guanabara.

O que de mais importante me feriu os sentidos, nas paginas dos diarios, foi, sem duvida, a nomenclatura que a imaginação vadia do carioca sabe engendrar afim de colorir o seu *Gozo Extremo*. Nesse genero, elle se manifesta quasi genial, com poder expressivo de criação.

E' felicidade intelligente para um povo divertido, saber inventar termos os mais disparatados, como se a mente estivesse recheada de um acervo de idéas fantasmagoricas. Admira-se o titulo dos Clubs da Folia, os nomes em evidencia nas directorias carnavalescas, e, ainda mais, a força suggestiva das cantigas. As cantigas vêm dos bairros dos vagabundos e ladrões, do meio sordido da Saude, Morro da Favella, — violão e *faca pernambucana*. Os rimadores de gravata estilizam os sambas do "populacho infame" e, depois destes perderem o bafo da aguardente, vão fazer *muchôchos* nas physionomias bonecas das "miss" de Copacabana e Ipanema.

No anno passado, no corso da Avenida, cantarolava-se assim:

"Sou da Fuzarca,
não nego não,
E' por isso mesmo
Que te dou meu coração"

São expontaneos!

Os *Clubs* são *Blocos*, são *Ranchos*, e se denominam: Carapicús, Miseria e Fome, Tiririca, Cartola ninguem mexe, Parasitas de Ramos, Endiabrados da Caverna, Tenentes dos Diabos, Blocos das têtas, Encarnação das roxuras, Flor de manacá, Perereca, — uma doidice incomprehensivel, mas até certo ponto admiravel para o momento.

Os "Mestres" dos *Blocos*, ou são Lordes Popó, Gaturamo, Selvagem, Parasita de Morcego, Pedro Botelho, Banfuise, Sorvete envenenado, Ginge, quando não surge o Grão Sacerdote, D. Stygomia na Calha.

Esta terra tem ainda outros aspectos pyramidaes. Portal, dizem que na Guanabara, onde o sol queima e a paysagem é um sonho, o homem é alegre como em nenhuma outra parte do Brasil.

(*Continúa*).

CARLOS AUGUSTO

"VARRENDO" SUA TESTADA

Em um dos passados numeros d'O *Malho* publicamos um trecho de carta do sr. Aprigio Silva, do Recife, accusando o poeta Demetrio Carneiro Leão, de plagiario.

Do accusado recebemos a seguinte carta, em que "varre" sua testada, defendendo-se da accusação que lhe foi assacada:

"Illmo. Snr.

Cabuhy Pitanga

Saudo-vos respeitosamente

Hoje, somente hoje, em virtude de andar eu nestes ultimos dias pelo interior, onde me não chegava "O Malho", respondo á accusação que me fora feita em um dos numeros recentes do vosso illustrado e apreciado semanario.

E eis-me, de penna na mão, junto á minha mesa de trabalho, escrevendo-vos esta, afim de defender-me da accusação de plagio que me fora feita pelo senhor Aprigio Silva, de Recife e, ao mesmo tempo, explicar-vos a "semelhança" entre o meu soneto "Nós dois" e o dito "Contraste", do saudoso pensador Padre Antonio Vieira e versos do apreciado e talentoso poeta Guilherme de Almeida.

Desde a minha infancia, isto é, ha mais de quinze annos, que sou leitor assiduo do "O Malho", onde, ha mais de tres annos, desde os tempos do illustre critico Dr. Cabuhy Pitanga, venho collaborando.

Ultimamente, depois que tão brilhante e criteriosamente dirigia a "Caixa", por onde respondeis a todos os poetas (bons e máus), tenho merecido o mesmo conceito, vendo publicados os meus trabalhos.

Eis, porém, que, contra toda minha espectativa surge, vindo de Recife capital de Pernambuco, berço onde nasci, o sr. Aprigio Silva, accusando-me de haver plagiado os versos dos poetas acima citados, no meu soneto "Nós dois".

Mas, sr. Cabuhy, tal accusação não tem, absolutamente, razão de ser:

1°) porque o meu soneto, não obstante possuir um verso semelhante só do Padre Vieira, não tem, em absoluto, a mesma idéa não somente por ser "Contraste" um trabalho philosophico, mas por terminar contrastando com o meu, que diz:

— "E unidos, seguiremos pela vida
Que, encantadoramente divertida,
Abençoará os passos de nós dois!...

2°) Porque, no momento em que o escrevia, não tinha o pensamento voltado para o Padre Vieira nem para nenhum dos seus trabalhos, mas procurava apenas descrever em versos proprios as imagens que me agitavam o cerebro, onde sorria a esperança de uma felicidade futura, conforme se vê do meu trabalho.

Quanto á semelhança do mesmo com os versos do poeta Guilherm de Almeida, tenho a dizer que até hontem não havia tido o prazer de ler nenhum dos livros do poeta.

Comprando hontem alguns dos seus livros, afim de averiguar se de facto havia eu plagiado involuntariamente os seus versos, verifiquei que no seu livro "Nós" existiam dois sonetos nos quaes alguns versos assemelham-se aos meus, devido, tão somente á rima em "ados" e "ente", como vereis:

Diz o poeta:

— "Eu em ti, tu em mim, minha querida.
Nós dois passamos despreoccupados,
Como passa, de leve, pela vida,
Um parzinho feliz de namorados".

Escrevi:

— "E assim, nós dois, felizes namorados, —
Aos olhares maldosos dessa gente,
Vamos seguindo assás despreoccupados,
Trocando beijos, vagarosamente..."

Comparando-se estas duas quadras, nota-se apenas apparencia em dois versos, sendo que os outros são completamente differentes.

Do exposto, sr. Cabuhy, conclue-se que não plagiei os poetas mencionados, como quer o sr. Aprigio.

Poderia aqui fazer varias citações favoraveis á minha pessôa.

Entretanto, limito-me apenas a citar o que escreveu o professor Alberto M. Barreiros, á pagina 69 do seu livro "Instrucção Moral e Civica", sob o titulo Recordações:

..."A's vezes, na minha carreira de professor, tem-me acontecido notar, quando emendo os exercicios escriptos, que o alumno empregou uma phrase que está no livro de texto ou noutro. Sei que elle não se serviu de nenhum livro e, interrogando-o, declara nunca ter decorado aquella phrase".

Mas, não é somente isso o sufficiente para provar que não sou eu um plagiador, porém, a minha consciencia limpa e o meu caracter impolluto que se agitam, protestando contra essa accusação, que não tem, absolutamente, razão de ser.

Sem mais, deixo ao vosso criterio, o meu julgamento.

Do vosso criado e respeitador

Demetrio Carneiro Leão"

O Professor

Raul Lellis

DESENHO DE ACQUARONE

CERTO dia em que precisei de um professor de chimica, levaram-me a elle.

— E' um sabio — disse-me o amigo commum, que fez a apresentação, emquanto caminhavamos. Bem poucos você encontrará que conheçam a chimica tão profundamente.

O professor, como sempre lhe chamei, era um homem de cerca de cincoenta annos, envelhecido mais pelos desgostos do que pelo estudo, segundo pude ler-lhe nas linhas do rosto. Invariavelmente calmo, jámais o vi sorrir e jámais lhe surprehendi na physionomia um signal de aborrecimento, um olhar de contrariedade. Era sempre o mesmo, impenetravel e sereno, com aquella expressão de magua a sombrear-lhe a fronte e a escurecer-lhe os olhos que appareciam banhados em liquido pardacento.

Creio que vivia de leccionar, mas devia viver muito mal, a julgar pela insignificancia que pediu a troco das lições que me ia dar. Morava na rua da Misericordia, num terceiro andar, onde occupava dois aposentos: um que lhe servia de laboratorio para experiencias chimicas e outro onde fazia quarto de dormir e gabinete de estudo. Neste ultimo, além da cama de ferro, do pequeno armario para roupa, da mesa e da estante com livros, havia um esqueleto humano, feio e triste, com as grandes orbitas vasias.

E mais de uma vez, nas muitas horas de lição que passei com o professor, perguntei a mim mesmo como era possivel que um homem vivesse assim, no mais completo isolamento, fechado dentro de um quarto, tendo por companhia apenas os tetricos despojos de um ser humano ceifado pela morte...

As horas de aula eram limitadas. O professor aproveitava os minutos, rigorosamente, reduzindo as dissertações ao necessario e evitando qualquer palestra que não fosse sobre a materia. O seu retrahimento deixava-me constrangido, desarmado e eu jámais aventurei uma conversa.

Um dia, porém, não sei porque, pareceu-me achal-o mais affavel, mais accessivel. Elle chegou a esboçar um sorriso muito triste, deante de um erro meu e tive coragem para aventurar uma pergunta, que me bailava ha muito tempo no espirito:

— O senhor é medico, professor?

Elle fitou-me com os seus olhos pardos, de fulgor disfarçado. Julguei ler-lhe no rosto uma reprovação triste e mal ouvi a sua voz, que me dizia:

— Sim, estudei medicina...

Mas havia naquella voz, naquellas palavras, naquelle olhar, tanta melancolia e tanta magua que, inexplicavelmente, senti remorsos da pergunta sem malicia.

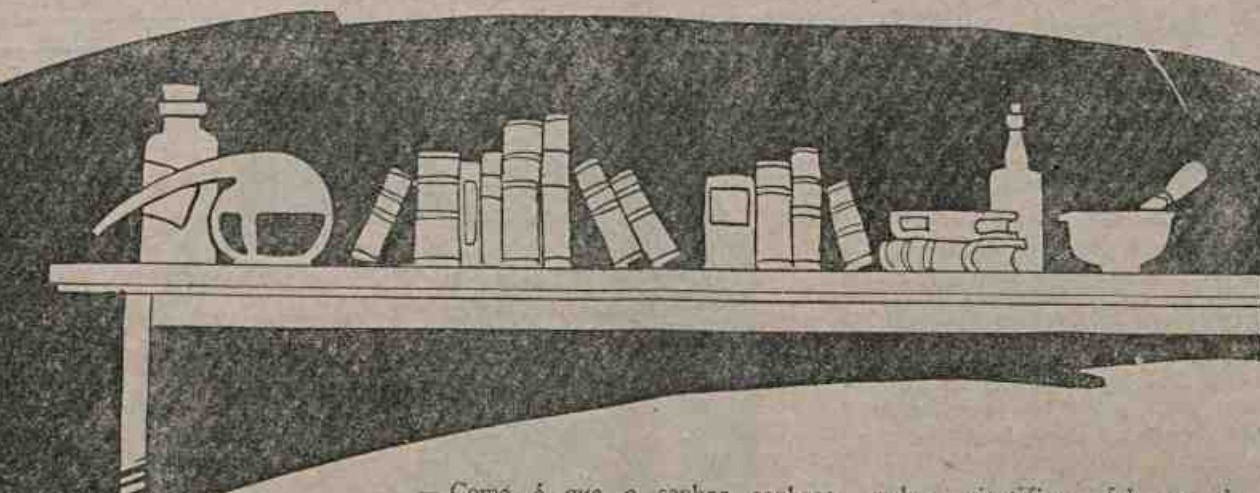
De outra feita, emquanto esperava que o meu mestre preparasse uma solução, puz-me involuntariamente a olhar o esqueleto que ladeava a mesa. Examinei a disposição dos ossos e depois, por simples curiosidade, vendo o professor, que voltava do laboratorio, perguntei:

— E' um esqueleto de mulher?

Elle parou e julguei perceber um estremecimento que o agitava.

— E'... — respondeu seccamente. E accrescentou logo em seguida: — Venha. Vamos fazer a experiencia!...

Nunca mais voltei a insistir no assumpto.

Correram mezes, passou-se o anno. O trato quasi diario fez-nos mais intimos, tornou-nos quasi amigos. Eu aprendera a conhecer o professor e, embora não o comprehendesse, sabia delle o bastante para não accentuar aquella mysteriosa tristeza, que o fazia impenetravel e estranho. Ultimamente chegavamos até a conversar, depois das horas de aula, se bem que as nossas palestras versassem sempre sobre themas scientificos, que elle explanava com facilidade admiravel, como se a sciencia qualquer que fosse ella, não tivesse segredos para o seu espirito.

E eu lamentava sempre, que um homem como aquelle, precioso pelo seu saber, vivesse recluso em um quarto, mergulhado entre livros e fazendo companhia a um esqueleto de mulher...

— Foi ha quinze annos. Eu era moço, ambicioso, cheio de esperanças, como se o mundo fosse meu. Dez annos de clinica...

UM dia...

Foi nas vesperas dos exames. O medo, esse medo natural em todo o estudante pobre que vae apresentar deante dos lentes o fruto do seu penoso sacrificio, dominava-me o espirito e o professor, para me ajudar, havia combinado commigo, desinteressadamente, uma revisão geral de toda a materia estudada, com elle e na Escola.

Horas a fio ficámos ali, no laboratorio e no quarto do professor, os pontos de exame sobre a mesa e nós perdidos entre pesquizas e perguntas scientificas.

Eu conhecia o preparo do meu mestre na chimica, mas não pude deixar de me admirar ao ver que elle, durante todo o tempo que durou o interrogatorio, nem uma só vez abriu um livro para verificar a exactidão de uma resposta minha ou para ver a extensão de um ponto. Agia como se estivesse em elemento seu, familiar, intimo. E, num dos intervallos que fizemos, não pude reter uma pergunta tão ingenua quanto sincera:

— Como é que o senhor conhece tudo isso?

Sorriu, involuntariamente. E sorrindo respondeu, na sua voz calma::

— Pois eu não vivo estudando?

Então, natural, insopitavel, como mezes antes, a mesma interrogação veiu-me aos labios:

— O senhor é medico?

Mas dessa vez o professor não mostrou sentir a phrase como em outra occasião. Disse apenas, inexpressivamente:

— Eu me formei em medicina...

Na minha alma de moço do meu seculo, de moço que se preparava para vencer pelo valor mental, houve uma revolta surda, que não fui capaz de sopitar, e um protesto, que foi quasi um grito, brotou-me do peito:

— Mas isso é um crime, professor!

— Que?

— Isso que o senhor faz! Todo o seu saber, toda a sua sciencia, poderiam prestar á humanidade beneficios sem conta, de que ella se vê privada com o seu afastamento!...

Jámais esquecerei a transformação que se operou no rosto do professor. A tristeza fugiu-lhe do semblante um relampago de colera passou pela primeira vez por seu olhar e pensei que me fosse mostrar a porta. Mas aquillo durou um minuto. Serenou logo depois, reassumindo mais forte a sua expressão de intensa melancolia e, com um esgar a suspender-lhe um labio, tomou-me por um braço, obrigando-me a sahir do laboratorio, onde estavamos e a atravessar o quarto de dormir, até parar deante da tetrica ossada.

— Vês isto? — perguntou-me elle.

E o seu dedo magro tremia ao apontar o esqueleto que parecia rir silenciosamente.

Eu estava mudo, pensando no que aconteceria. Elle proseguiu:

— Isto é tudo que resta da creatura que mais amei no mundo...

Fez uma pausa para respirar, como se tivesse o peito oppresso:

— Foi ha quinze annos. Eu era moço, ambicioso, cheio de esperanças, como se o mundo fosse meu. Dez annos de clinica tinham-me feito famoso e nas rodas scientificas falavam de mim como se eu fosse a maior esperança ou a maior revelação da medicina. Nessa época foi que conheci uma mulher, moça e linda. Linda como nenhuma eu vira até então! Amei-a. Dei-lhe tudo que a sciencia não havia tomado. Creio que cheguei a adoral-a, na minha louca exaltação...

Na voz do professor parecia bailar um soluço; irradiava delle qualquer cousa que me empolgava, que me dava impetos de lhe pedir que não continuasse. Mas elle ia avante:

— Um dia, essa mulher adoeceu. Um mal nefasto, mysterioso, horrivel, mirrou-lhe o organismo, roubando-lhe a vida e a belleza. Eu não abandonava o leito onde ella jazia, infallivelmente condemnada. Renunciei á vida, renunciei aos clientes, renunciei ao mundo, para lutar desesperadamente. Todos os recursos da sciencia, tudo que a medicina e a experiencia haviam ensinado a mim e aos meus mais sabios collegas foi tentado sem o menor exito... E uma noite, uma noite que jámais esquecerei, ella morreu nos meus braços, banhada por minhas lagrimas e

Raul Lellis é um dos mais interessantes contistas nacionaes. Apanhando, sempre, para themas dos seus trabalhos, factos concretos e reaes, elle nos sabe apresentar, como nenhum outro contista da nova geração, historias surprehendentes, verdadeiras paginas abertas do livro da vida. Neste conto, por exemplo, com o qual concorreu ao Grande Concurso de Contos Tragicos de "A Ordem" — o popular matutino carioca — e cujos contos "O Malho" vem publicando semanalmente em suas paginas, em primeira mão, de accordo com a combinação feita com aquelle jornal, Raul Lellis disseca com a pericia de um consagrado escriptor o interessante caso do seu professor, um sabio chimico e mestre, mas que tambem sendo medico, abandonara a medicina, para que, cada cura que fizesse, não lhe parecesse um sarcasmo do destino a zombar da sua passada inutilidade em salvar o ente que mais queria.

"O Malho" publicará em seu proximo numero do dia 22 deste mez, a formidavel narrativa intitulada

"SANGUE CREOULO"

com a qual ALBERTO A. LEAL, moço contista, academico da Faculdade de Medicina desta capital, tirou o

1º PREMIO

de Rs. 300$000, no Grande Concurso de Contos Tragicos de "A Ordem", conforme parecer da commissão julgadora composta do Dr. Fabio Luz, Dr. Theo-Filho e Dr. Lafayete Silva.

"Sangue Creoulo" foi illustrado por Ekkert, e, pela delicada descripção, regional ambiente e tragico desfecho, digno das paginas de Euclydes da Cunha ou Affonso Arinos, não deve deixar de ser apreciado por nenhum leitor de "O Malho".

dando-me num beijo o seu ultimo suspiro...

O meu professor chorava. E eu chorava tambem, sentindo a dôr immensa, que vencia aquella alma de forte. Depois, mais sereno, elle me segurou pelos hombros e, olhando-me fundo nos olhos, perguntou com amarga ironia:

— E você acha que eu poderia continuar a ser medico? Cada cura que eu fizesse com o meu arremedo de sciencia, havia de me parecer um sarcasmo do destino a zombar da minha passada impotencia! Se todo o meu saber foi pouco para salvar aquella a quem mais amei, como empregal-o em beneficar a humanidade? Eu teria remorsos!... Se estudo ainda, é para me convencer sempre mais do quanto é falha a sciencia humana!...

O professor sentou-se, o rosto occulto nas mãos, os cotovellos apoiados na mesa. Eu fiquei immovel, com os olhos involuntariamente fitos naquelle esqueleto, que parecia petrificar no seu riso macabro uma suprema zombaria contra a pretensão humana...

A princeza que é filha de um policial

Mayfair, o famoso circulo elegante da Britania, tão inglez e tão reservado como as nevoas de Londres, em seus dias enfarruscados de inverno, tem a fama de não tomar gato por lebre, em materia de nobreza. Quando em outros centros, os aventureiros passam por principes, duques e condes disto e daquillo, em Mayfair, o caso muda de figura.

Pois bem: Mayfair divertiu-se a valer, ha pouco tempo, com a historia das aventuras da Princeza Violeta, de Montenegro, cunhada da Rainha Helena, da Italia, e sobrinha politica do Grão-Duque Nicoláo, da Russia.

Esta princeza tem um par de olhos que fascinam. Seus parentes politicos occupam paginas e paginas do "Gotha", o indice dos "grandes" da Hespanha e de todos os outros povos que teem cabeças coroadas ou por onde já passou sangue azul. Seu cunhado é o famoso Principe Danilo, immortalizado por Franz Lehar, na popularissima opera "Viuva Alegre".

Com toda esta linhagem, porém, a Princeza Violeta é filha de um policial da Scotland Yard: o sargento Emilio Wegner, filho de aldeões allemães chegados a Londres ha pouco mais de meio seculo. Uma de suas irmãs é esposa de conhecido concertista de Londres, e sua mãi, matrona respeitavel, pela realeza physica, que se orgulha como poucas mãis, dos triumphos da filha.

A belleza da Princeza Violeta, entretanto, é tanta que, em muitas capitaes européas, se encontram chromos com a sua figura, a todo proposito.

E é natural que esta belleza, alliada ao talento da linda Princeza tenham seduzido ao Principe Pedro, de Montenegro, que conheceu sua actual esposa quando era simples artista e andava com uma farandula.

O casamento teve logar na Igreja de San Reno, em Paris, ha cinco annos. Durante todo este tempo, poucos sabiam a origem da humilde Princeza, pois, a pedido do Principe, ella a ninguem a dizia.

A aristocracia européa acceitou a Princeza principalmente por sua belleza, e um aristocrata eminente, o Conde Jassany, da Hungria, enamorou-se, ha dois annos, tão perdidamente da Princeza, que seu marido teve de bater-se com elle em duello, a pistola, no qual o hungaro ficou ferido.

Em Mayfair, contudo, a princeza não teve recepção muito cordial. E' certo que o Principe, por encargo da esposa, reservou-se de apresental-a á élite londrina. Nenhum aristocrata britannico, porém, atreveu-se a convidal-os á sua residencia.

A CULTURA DO FUMO EM S. PAULO

O "Diario da Noite", de S. Paulo, entrevista, ha dias, a proposito da cultura do fumo naquelle Estado, o Sr. Pedro de Assis Oliveira, superintendente da Companhia Castellões. Relembrando uma primeira entrevista concedida aquella jornal em 1928, começou o superintendente da grande companhia manufactora de cigarros:

"Fomos nós, um grupo de conhecedores da riqueza agricola, que é a cultura do fumo, que animámos a orientação em que ella vae sendo feita presentemente".

E logo continuando:

— "Coherente com o ponto de vista que então defendiamos, continuamos a animar a producção paulista do fumo em folha; para isso comprámos a producção de 1929, pequena, aliás, para o nosso consumo, pois o total dessa producção eleva-se a 8.000 kilos, emquanto nossa fabricação emprega diariamente 4.000 kilos.

"Esse producto, que adquirimos, entretanto, confirma as nossas esperanças referentes á cultura do fumo no Estado, pois a experiencia, realizada pela primeira vez, demonstra á sacidedade que teremos bom fumo em folha paulista para a manufactura de cigarros. As folhas, no geral, "são claras, aromaticas e finas, faltando-lhes apenas um maior estagio nas estufas, afim de tirar-lhes um pouco a fortidão," conforme affirmámos no relatorio de 1929. Dentro de dois annos, entretanto, esperamos que o fumo paulista dispense a importação".

A INDUSTRIA DOS CIGARROS EM CRISE?

Um observador superficial poderá pensar que uma industria como a dos cigarros, que cada dia têm mais longo consumo, escape neste momento á cri-

A folha preciosa do fume

se geral que atormenta a todos as outras actividades ueis nacionaes. Entretanto, é outra a realidade dessa industria apparentemente prospera, quando as outras se revelam em toda a tristesa de suas aperturas. O Sr. Assis Oliveira, inquirido pelo redactor do jornal paulista sob esse aspecto do commercio do fumo, externou-se do seguinte modo:

— "Dizer que para "a industria do cigarro não existe crise" é um erro em que tenho visto incidir muita gente, em periodos anormaes como o que estamos atravessando. Apezar da preferencia que existe actualmente pelos cigarros finos, a nossa producção de cigarros baratos que em 1928 foi de 297.160.000, em 1929 elevou-se a 315.000.000, com augmento, portanto, de 17.830.000. A fabricação de cigarros finos, que em 1928 foi de.... 303.600.000, em 1929 foi de 287.860.000, registando-se uma diminuição de...... 15.740.000. E agora, se lhe disser que aquella sensivel alteração affectou os tres ultimos mezes do anno findo, comprehende-se que sómente á crise devemos a anormalidade. Para nós ella não é nada agradavel. Industria e commerciantes poucos lucros auferem com os cigarros baratos.

E agora ainda ha mais. A nossa receita bruta elevou-se a 7.541:969$915. E as nossas despesas em sellos de consumo, contas assignadas, sellos e direitos de fumos nas alfandegas e outros impostos, subiram á respeitavel somma de 4.467:199$850, mais da metade, portanto, da despesa bruta.

A exposição do superintendente da Companhia Castellões está ahi illustrada com cifras. E estas não deixam nenhuma duvida a respeito das palavras judiciosas do activo e intelligente industrial.

A contribuição da industria de cigarros para o fisco é respeitabilissima, valendo ella, como realmente o é, por uma das mais pujantes fontes de riqueza nacional. Dahi a necessidade que impõe aos administradores, para a crise que a afflige, uma medida qualquer de protecção e estimulo.

Os Sete Dias da Politica

A ordem que presidiu ao pleito de 1° de Março constituiu, até certo ponto, uma surpreza. Os antecedentes da facção empenhada em agital-o eram de molde a autorizar a impressão de que tumultos estariam reservados á funcção repressiva das autoridades, nas eleições de onde deveria sahir o nome do successor do actual chefe do Estado. Antes mesmo da prova final, já as chronicas eleitoraes, por varias vezes, se haviam tarjado de acontecimentos lutuosos, alguns dos quaes, pela extensão, tomaram o caracter de verdadeiras hecatombes. A quem attribuir, portanto, o facto o feliz e imprevisto desfecho da campanha a que em má hora se atiraram mineiros, gauchos e parahybanos, sob o commando unico do solerte Sr. Antonio Carlos? Certamente que a Deus, antes de tudo. Depois manda a justiça não esquecer o primeiro magistrado da Nação. Foi, sem duvida, abaixo da providencia divina que nunca nos desamparou até aqui, a sabedoria do Sr. Washington Luis que nos livrou das tremendas ameaças que pesavam sobre o paiz. A' serenidade, á firmeza, a alta intelligencia do momento que S. Ex. revelou, devemos todos o nos havermos livrado de novas humilhações, prejuizos e perigos. De encontro á resistencia consciente desse homem que com tanta dignidade e descortinio soube encarnar o supremo poder da Republica, se foram quebrar uma a uma as arremettidas do odio surdo e da inveja mal contida na conjura terrivel em que as alterosas não quizeram consentir sem protesto contra a maioria da Nação.

Nós não sabemos de competencia, por mais illustre, entre os brasileiros vivos, que levasse a palma ao grande fluminense na maestria com que se houve em toda a longa partida que jogou com o celebrado xadrezista mineiro... Não se viu um só dos seus lances sem rebate, e rebate victorioso! O mais admiravel em tudo isto foi a calma surprehendente e a elegancia com que o preclaro macahense annullou, afinal, todos os planos do estrategico de Juiz de Fóra. Foi uma "sóva" em regra! Se ao sahir de campo, o neto dos Andradas ainda guardar dos factos alguma consciencia, nunca mais, por muito que viva, se metterá de certo noutra, pelo menos, quando estiver no Cattete uma figura do tamanho da do Presidente actual. Os creditos e a segurança de uma Nação como o Brasil já não podem ficar á mercê dos ambiciosos sem lealdade, nem escrupulos.

* * *

Um esforço inutil, esse dos adeptos da candidatura Getulio Vargas, para mascararem a derrota estrondosa que soffreram. Dias e dias, lapis na mão, levaram a procurar, nas contas de chegar, uma estatistica em condições de dar ao publico a impressão de uma victoria que na realidade nunca em taes circumstancias os poderia bafejar. Quando, afinal, verificaram a vauidade da tentativa, passaram a gritar contra as votações dos Estados que lhes tinham sido contrarias.

Nesse particular, deram-se então coisas espantosas. O Rio Grande, por exemplo, onde o pleito praticamente não passou de méra hypothese eleitoral, julgou-se com direito de sahir gritando contra a fraude e os fraudadores da verdade das urnas... Seu Presidente, joven de mais para as responsabilidades de que o investiram, chegou mesmo a assignar uns telegrammas impertinentes ao Chefe da Nação, que se viu forçado a responder-lhe com algumas normas que o desconcertaram.

Menos longe que o Sr. Oswaldo Aranha, mas, comtudo, não muito levou a sua ousadia o chefe alliacista Mendes Tavares, pedindo contas por sua vez ao governador do Rio Grande do Norte... O homem que com um terço da votação do Sr. Irineu Machado já lhe tomou uma poltrona no Senado, sentiu-se tambem com forças para ir ás mãos do Sr. Juvenal Lamartine por não ter dado ao Sr. Getulio mais que 472 votos!

E foi por ahi afóra o bando alliado. Só o Sr. João Pessôa desta vez não teve tempo de censurar ninguem, atrapalhado que estava em dirigir elle proprio o cerco de Teixeiras, onde a familia Dantas, nas vesperas do pleito, teve que saber o quanto custa não votar com um liberal no governo...

* * *

Foi uma decepção o numero de votos dados por Minas á Alliança. Não somos nós quem o diz. Disse-o o proprio candidato seu no radio em que respndeu as communicações do Sr. Oswaldo Aranha sobre os resultados do pleito. Para o Sr. Getulio, as cifras, afinal, apresentadas pelo Sr. Antonio Carlos ficaram muito abaixo de tudo quanto se poderia honestamente acceitar em materia de reducções. Ellas excederam de muitos os possiveis azares comportados no caso. Entre o famoso milhão promettido, ou mesmo quinhentos mil na peor hypothese annunciado e as magras centenas de milhar até hoje apparecidas, a differença é simplesmente desconcertante na realidade. O Presidente do Rio Grande tem por isto razão de queixar-se do de Minas. O seu patrono enganou-o de modo a não se poder desculpar. Aliás, permitta-nos o competidor do Sr. Julio Prestes uma franqueza: a culpa em parte foi sua. Nunca se viu num homem publico ingenuidade tão excessiva, como a que S. Ex. demonstrou acreditando na palavra de uma creatura, que toda a gente sabia nunca a haver tido. Isto não era digno do homem que se candidatara ao supremo governo do paiz, nem mesmo do autor das cartas ao Sr. Washington Luis. Só por esta primeira lição que lhe ministrou, como professor, estava o neophito habilitado a julgar da força daquelle que o iniciava na arte de agir sempre em desaccordo com o que fala ou escreve... Seria preciso que S. Ex. não tivesse tido nunca nem noticias da existencia do Sr. Antonio Carlos, para poder ignorar a sua fama de inimigo irreconciliavel da verdade. Todo o mundo sabe que o politico profissional não constitue em parte alguma nenhuma escola de sinceridade. Mas o certo é que o descendente hoje mais autorizado dos Andradas cedo logo entregou-se neste particular a excessos lastimaveis. Não foi, portanto, injustamente que lhe deram por acclamação o titulo de campeão num torneio em que houve de concorrer com alguns nomes famosos nessa cousa de illudir o proximo.

Não conhecia acaso o candidato alliado o Dr. Promessa? E do Dr. Perfeitamente, tambem nada sabia? Pois, olhe, é estranho. Não ha cão, nem gato no Brasil que lê jornaes, que não saiba que por estas autonomasias é conhecido em todo o paiz o actual governante das alterosas.

Nestes factos tem origem a desconfiança com que a Nação olhou geralmente a sua candidatura, de Norte a Sul, apesar da atoarda com que os seus tragicos reclamistas procuraram chamar a attenção. Ninguem acreditava no Sr. Antonio Carlos, e as suas promessas de votos eram commentadas com olhares significativos e risos ironicos nas rodas mesmo da Alliança, onde havia, de certo, algumas figuras que o conheciam de sobra...

* * *

A carta do Sr. Eloy de Andrade aconselhando o Sr. Antonio Carlos a confessar lisamente a derrota, representa no meio da escuridão em que se debatem os alliados, não ha negar, um imprevisto feliz. Vale este appello da lucidez de um espirito equilibrado, pelo mais auspicioso dos auxilios que amigos pudessem levar ao attribulado Sr. Antonio Carlos. Esse clarão de bom senso, rasgando a espessura das trevas que ainda domina infelizmente tantas consciencias, vem apontar aos desorientados patricios a unica sahida na verdade providencial que se lhes deparava, após tantos desvios e desatinos commettidos. Tanto mais para agradar é ella quanto nada tem com effeito de humilhante. Póde-se mesmo dizer que nas circumstancias em que collocaram não encontrariam os alliancistas outra sahida tão honrosa. E' esse, sem duvida, como diz o autor da alludida epistola, não só o unico meio airoso de

sahir da luta, como ainda de poder continual-a, com alguma autoridade sob a fórma nova da creação de um partido de opposição ás correntes ora triumphantes, cuja acção no governo viriam por este modo fiscalizar... Fóra dahi não vemos realmente como logrem sequer tentar os liberaes do Sr. Antonio Carlos outras campanhas. O seu insuccesso desta vez não foi maior, porque no meio dos simples attrahidos pela solercia andradina estavam outras figuras que emprestaram á triste agitação, desgraçadamente, o prestigio dos seus nomes. Entre esses os ex-presidentes Epitacio e Bernardes, homens a quem não se negam qualidades e serviços que os destacavam na consideração do paiz.

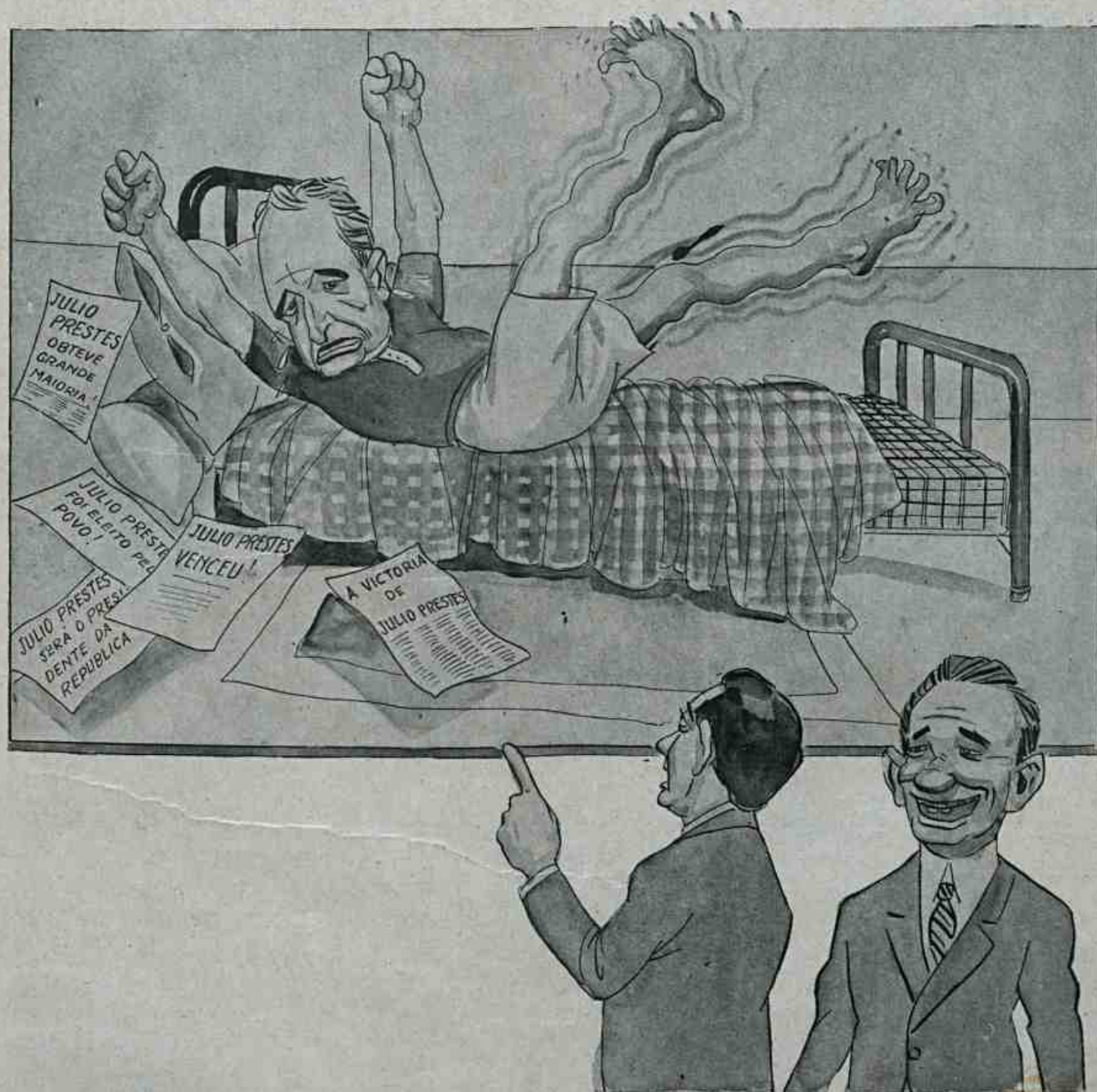
Elles nunca tinham mentido, nem ludibriado ninguem e, se fizeram inimigos rancorosos no governo, tambem deixaram admirações e amizades sinceras que só agora, com a attitude imprevista de ambos, sacrificaram.

Pelo Sr. Antonio Carlos só nada teria feito, nem conseguido pela razão muito simples de que ninguem se confiava nelle. Apesar disso, se o seu arrependimento se pronunciar pela fórma que o amigo lhe aponta, a Nação será capaz de um dia lhe perdoar o mal que lhe fez...

O MALHO

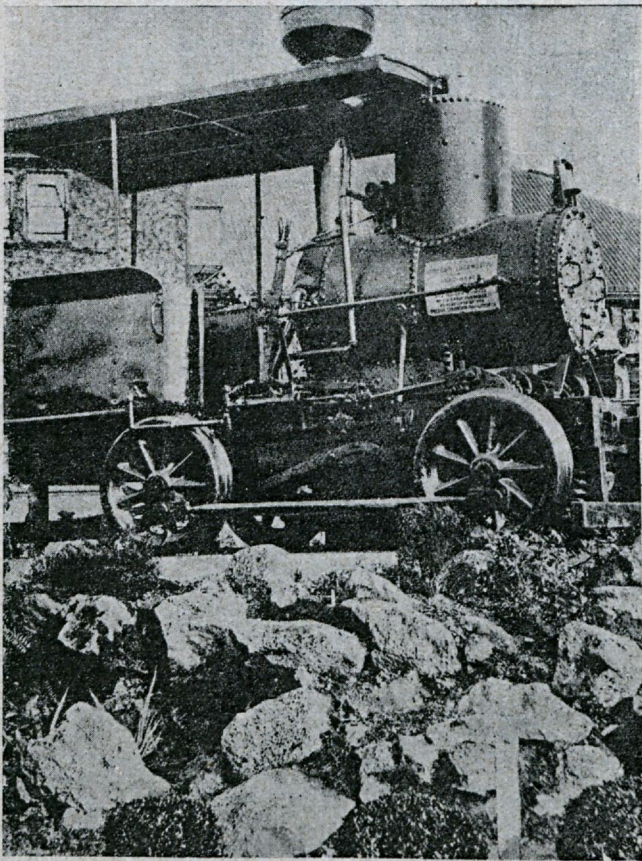
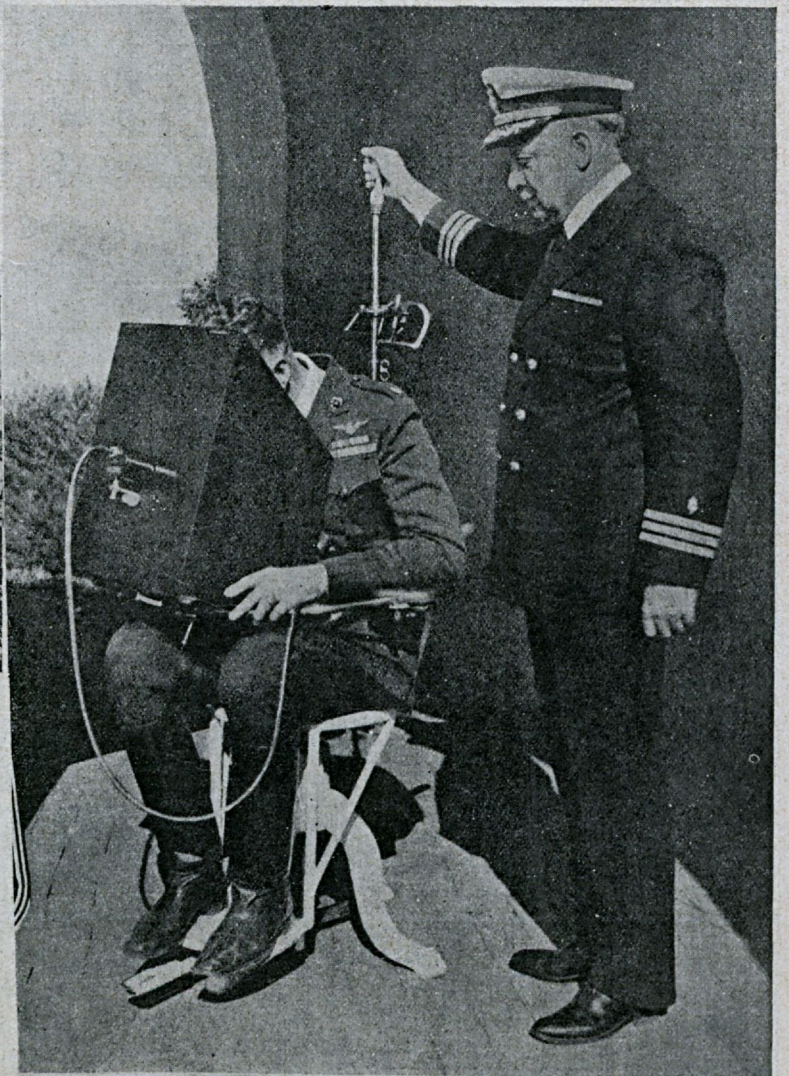
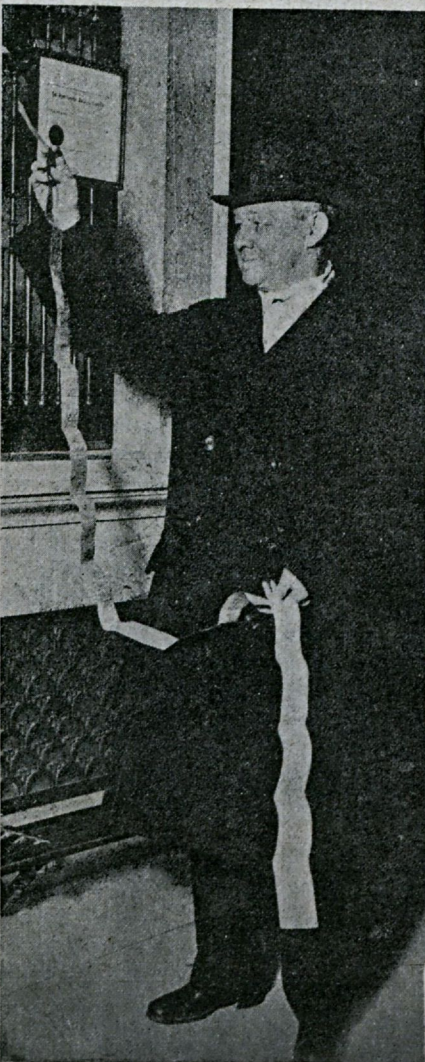
RIO DE JANEIRO, 15 MARÇO DE 1930

ANNO XXIX — NUM. 1.435

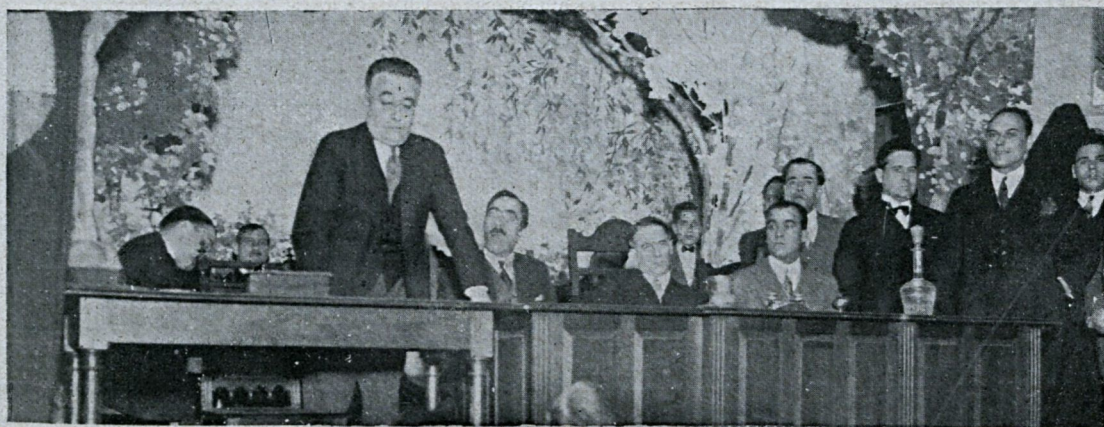
UM DIREITO RESPEITAVEL

— Pois eu sou desta opinião: O Getulio, mandando passar aquelle telegramma petulante e mentiroso ao Presidente da Republica, estava no seu direito.

— Que direito?

— O direito de espernear...

ASSUMPTOS INTERNACIONAES

A pr.meira locomotiva que trafegou no Noroeste do Pacifico. Estados Unidos.

Ao lado: o piloto e o medico do Serviço Aereo dos Estados Unidos em uma experiencia dos instrumentos destinados aos aeroplanos.

Demonstração estatistica de uma companhia de publicidade, na America do Norte.

Helena Wills, campeã de tennis mundial, no dia do seu casamento com o Sr. Frederich S. Moody.

"O MALHO" EM PORTUGAL

No 24º anniversario da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa.

◈ ◈ ◈

Festa anniversaria do Instituto Feminino de Educação.

◈ ◈ ◈

A chegada do Sr. D. Manoel Gonçalves Cerejeira, Patriarcha da cidade, a Lisboa.

Écos da crise ministerial. Na gravura, ao lado, está o Sr. coronel Passos e Souza quando desembarcava em Lisboa.

No veterano Club de São Christovão, durante o baile tradicional

ÉCOS DO

Como o Club Naval commemorou o Carnaval

Outro aspecto do baile do Club de São Christovão

No Club dos Bandeirantes, por occasião dos festejos carnavalescos

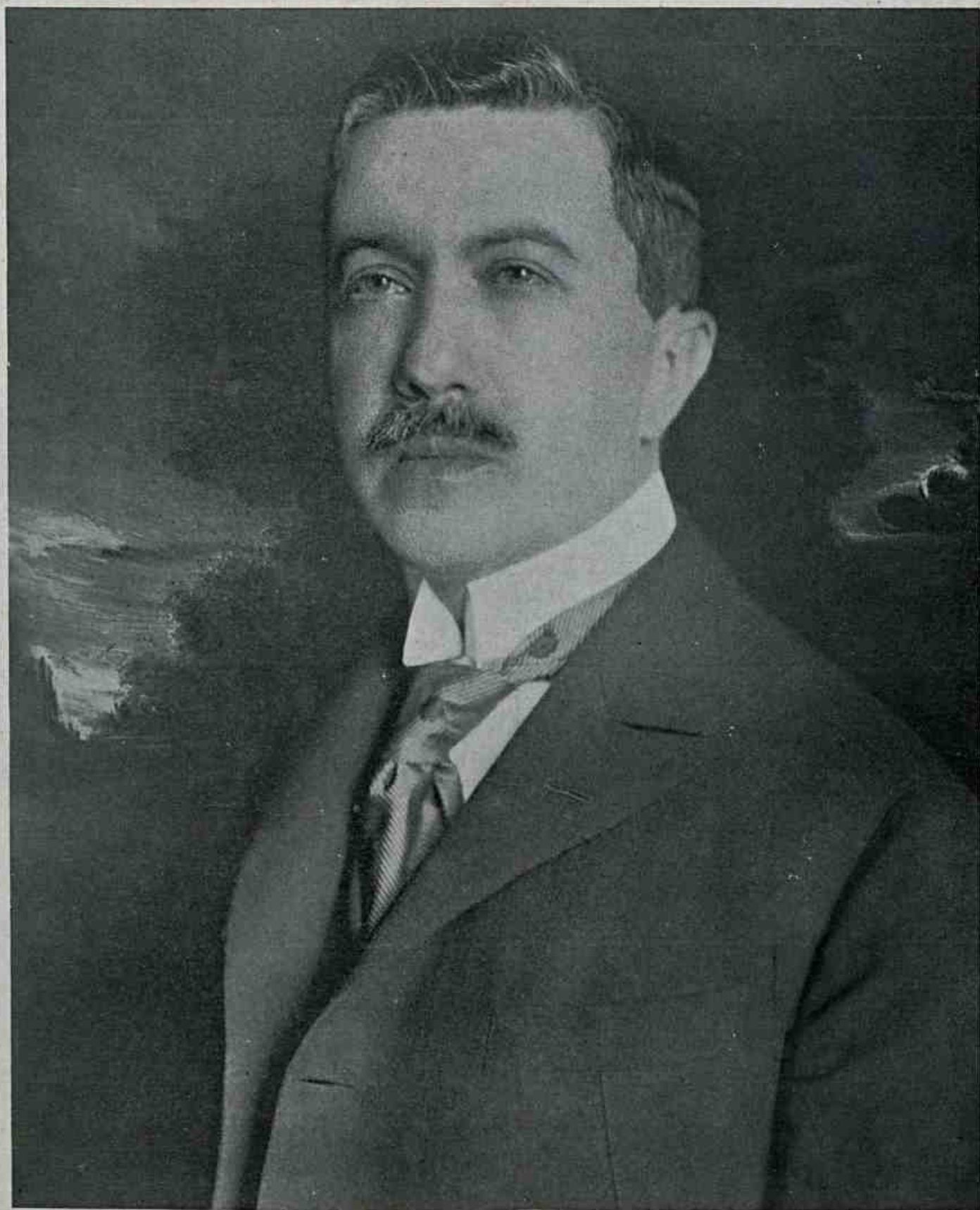
Aspecto do baile infantil no Botafogo

C A R N A V A L

Convidados presentes ao baile do Villa Isabel

CASAMENTOS

Em cima: Domingos de Souza Netto-Maria da Gloria Amado; á direita: Adolpho E. Silva-Luiza Silva. Em baixo, á esquerda: Agostinho Cesar Machado-Esmeralda Rocha Neves. A' direita: Claudionor Silva-Heloisa Braga.

A LIÇÃO DE SÃO PAULO

As eleições de São Paulo registraram, sem duvida, uma das grandes victorias do P. R. P. O ambiente de ordem, de liberdade e de respeito ao voto em que as mesmas decorreram tornou ainda de certo mais ruidoso o triumpho obtido pela grande aggremiação partidaria que, para felicidade do grande Estado, tem hoje nas mãos a responsabilidade do seu governo. Não se deve, entretanto, deixar de salientar a parte que teve no brilho dessa magistral lição de civismo e educação politica o actual chefe do Executivo Paulista, que em tudo se mostrou digno, não só da confiança das forças politicas a que se filia, como das tradições que fazem da terra dos bandeiras a mais culta do Brasil. Collocando-se, nobremente, elegantemente, acima do tumulto que a campanha ora finda levantou pelo incendido das paixões em choque, o Dr. Heitor Penteado foi bem o expoente desse pensamento superior que dominava a consciencia dos paulistas, desejosos de honrarem, em qualquer hypothese, as suas altas responsabilidades de guias da nacionalidade. Aliás, com esta sua attitude, o illustre vice-presidente em exercicio não surprehendeu a ninguem. S. Ex. tinha, antes mesmo disto, um conceito a zelar, conceito que o aponta não apenas como dos mais capazes, entre os novos valores politicos do Estado, senão tambem dos mais nobres, pela elegancia e elevação da sua conducta. A elle, portanto, poderão ser dirigidos, com os parabens pela esplendida victoria, os applausos que mereceu, pela correcção o prestigioso P. R. P., dando ao paiz o melhor padrão do respeito devido á liberdade de seus concidadãos e da sua perfeita identificação com as directrizes que norteiam a acção politica do preclaro candidato nacional victorioso.

1880

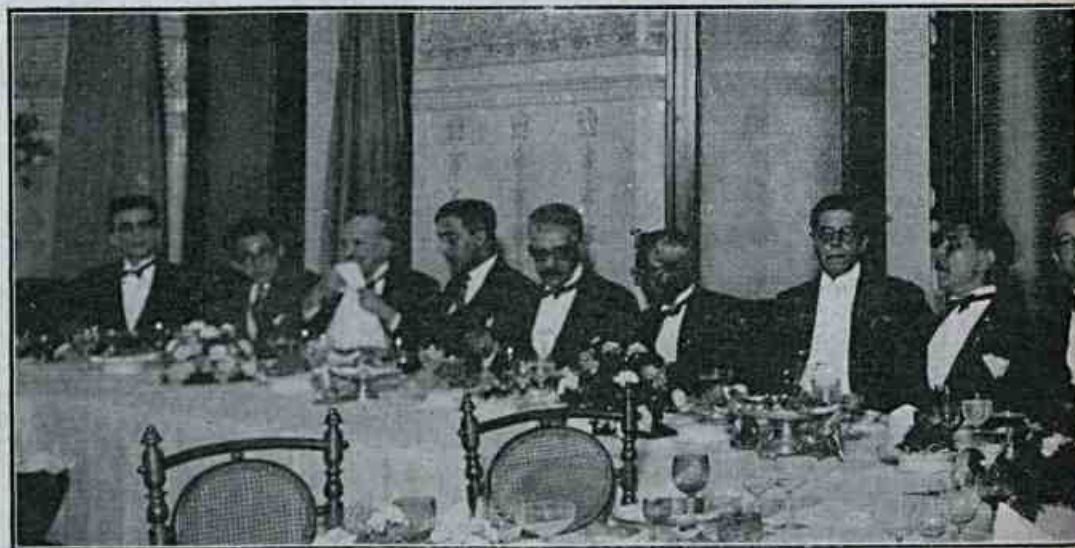
O MEIO CENTENARIO DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO

1930

Arthur Osorio da Cunha Cabrera, Presidente.

Ary Pinheiro de Andrade Figueira, 1º Secretario.

José Gomes de Souza, 1º Thesoureiro.

José Luiz Affonso, 2º Secretario.

Paulino da Rocha Lima, 2º Thesoureiro.

Joaquim J. Domingues Mariz, Procurador.

Hildebrando Gomes Barreto, Director do Ensino.

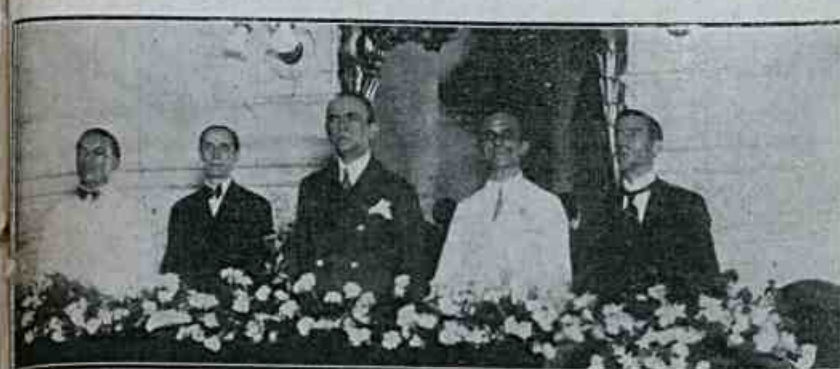
Pedro de Magalhães Corrêa, Vice-Presidente.

Honorio José Rodrigues, Director da Assistencia.

A's festas commemorativas do meio centenario da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro, adheriu, ao menos em espirito, toda a população carioca, certa de que, mais que de uma classe honesta e laboriosa, tratava-se de uma data festiva da propria cidade. Os titulos de benemerencia pelos quaes se recommenda essa grandiosa aggremiação ao respeito publico, á admiração mesmo dos que apenas de longe, sem fazerem parte da classe que ella congrega, acompanham a sua espantosa evolução em tão curto lapso de tempo, são numerosos e cada um delles de importancia irrecusavel. Nasceu a Associação da união feliz de um patrão e um caixeiro, ha cincoenta annos passados, quando idéas dessa ordem representavam verdadeira temeridade, até com perigo de vida para os seus mentores. E até ahi chegaram as ameaças a esse phenomenal patrão de 1880, Victorino José de Carvalho, considerado o Patriarcha da Associação, a quem fizeram promessas anonymas de uma facada em qualquer noite e em qualquer esquina... Mas, felizmente, a fereza, o egoismo criminosamente armado, as hostilidades de toda ordem não conseguiram arrefecer o animo de Victorino José de Carvalho. E menos ainda o do caixeiro Antonio Mathias Pinto Junior, que continúa vivo, em Portugal, mantendo a sua inscripção de socio n. 1 da prestigiosa sociedade.

Victorino José de Carvalho, o Patriarcha da Associação.

O Presidente Arthur Cabrera lendo o discurso com que a Associação offereceu o banquete á imprensa carioca no dia 7, data da fundação da mesma.

A mesa que presidiu as solemnidades

A mesa que installou o Congresso das Associações

Directores da Associação e jornalistas que tomaram parte no banquete commemorativo

---

A Associação é hoje mais um patrimonio do Rio de Janeiro que, propriamente, a obra de tenacidade, de solidariedade e apoio mutuo de uma numerosa classe. Esta, é bem verdade recebe os louros da victoria estrondosa obtida sobre a rotina, a avidez dos antigos patrões, os processos atrazados das praticas commerciaes. Entretanto, dados os beneficios moraes, intellectuaes e civicos que vem prestando á metropole brasileira a Associação dos Empregados no Commercio, melhor se enquadra ella, pela sua grande finalidade mutuaria e instructiva, á condição de um patrimonio collectivo da capital da Republica.

Antonio Mathias Pinto Junior, socio n. 1º.

As Directorias todas da Associação, desde os seus inicios humildes até á pujança actual, com os seus 40.000 associados e um majestoso edificio na principal via publica; com seus serviços de assistencia, de seguro, ensino technico-commercial officializado, instrucção civico-militar, etc.— as Directorias todas da Associação, diziamos, têm sabido cumprir os seus deveres, correspondendo á confiança dos seus consocios. Actualmente, e já pela terceira vez, consecutivamente, preside-a o Sr. Arthur Osorio da Cunha Cabrera, antigo caixeiro, actual patrão, mas patrão que foi caixeiro e que disso não se esquece. A sua operosidade é confessada pela confiança dos seus consocios, que duas vezes já, satisfeitos com a sua primeira gestão, o reconduziram á presidencia da casa. Esforços identicos em pról da Associação, manda a justiça reconhecer em cada um dos demais membros da Directoria actual, cujos retratos reproduz *O Malho* nestas paginas numa homenagem que é sincera e não é a primeira aos empregados no commercio de hoje, que elles representam os commerciantes de amanhã, estimuladores, propulsores e distribuidores das riquezas nacionaes.

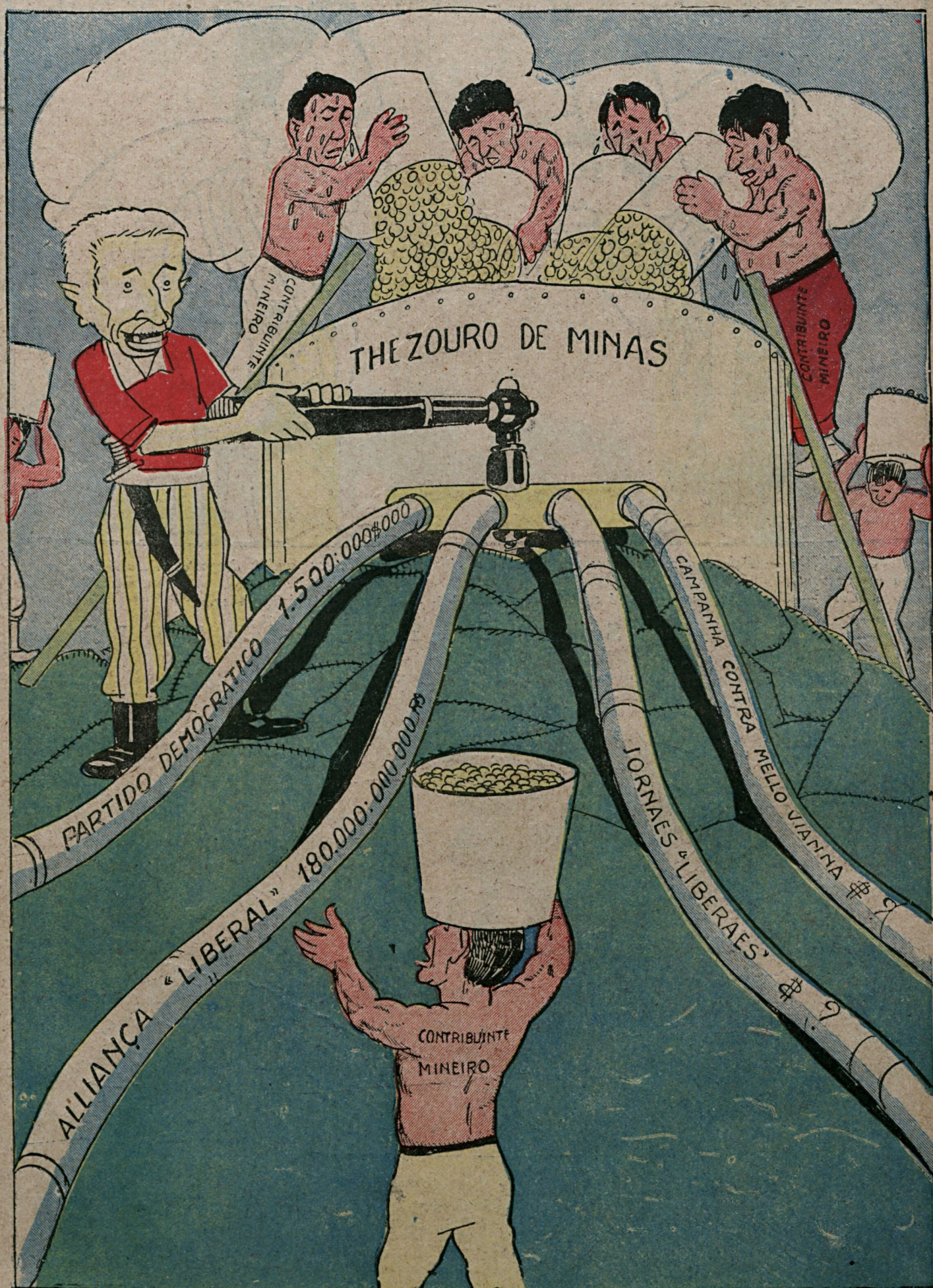
O edificio da Associação dos Empregados no Commercio.

O MEIO CENTENARIO DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO

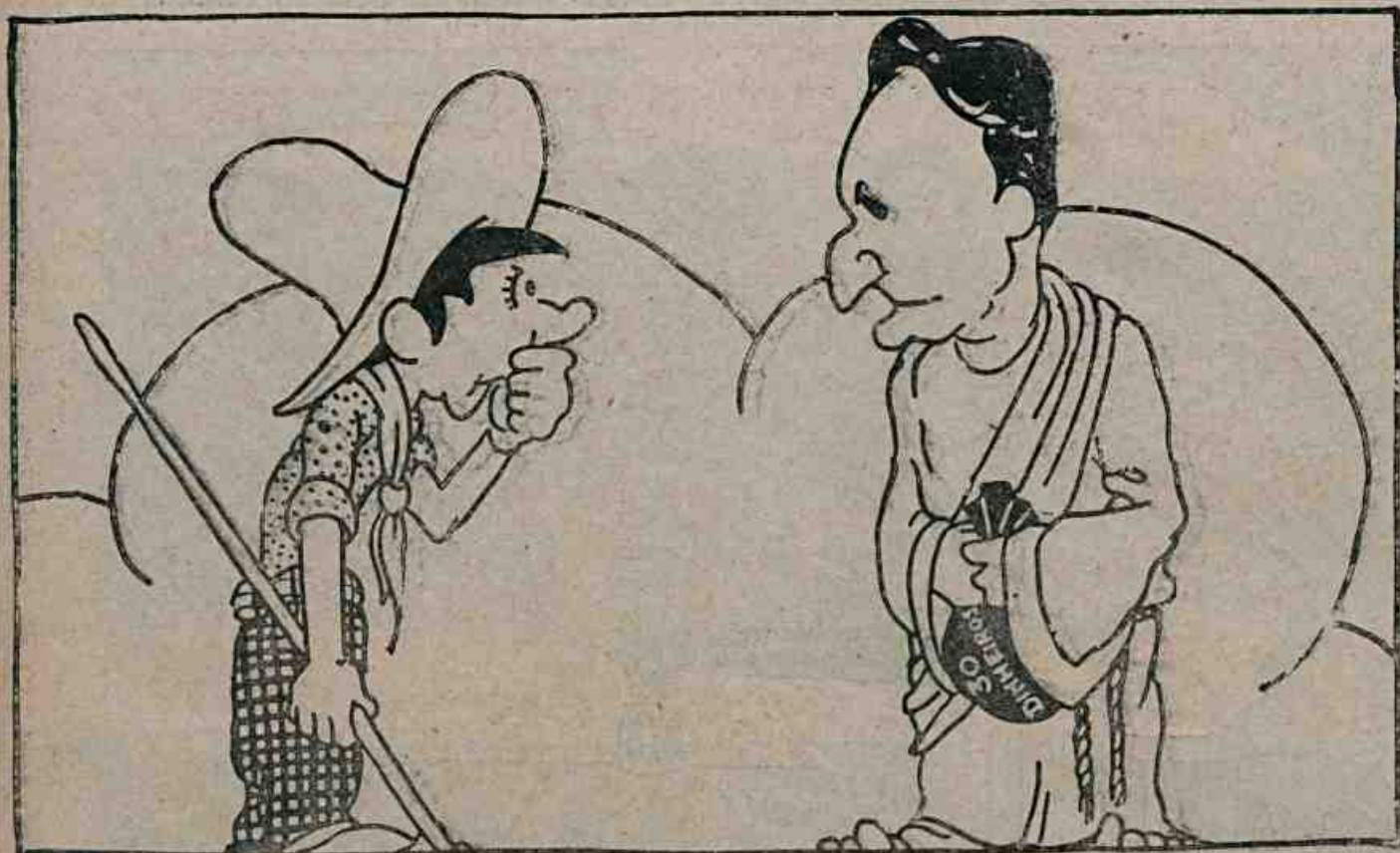
Quando mais animadas eram as dansas do baile commemorativo

Grupo de convidados presentes ao sumptuoso baile com que a veterana associação das classes commerciaes commemorou o seu cincoentenario da sua fundação, na noite de 7 de Março corrente.

Mais convidadas presentes ao magnifico baile que se realizou na noite da commemoração do meio centenario, na sua séde á Avenida Rio Branco.

"DINHEIRO! DINHEIRO! DINHEIRO!"

O CONTRIBUINTE MINEIRO: — Já não posso mais. Estou exhausto!

ANTONIO CARLOS: — Pois eu não tenho nada com isso. Preciso de mais dinheiro. A campanha contra o Mello Vianna exige de todos bons mineiros mais dois mezes de "sacrificio".

VESTIDO A CARACTER

GETULIO: — Pois é isso. Os meus amores com a Alliança me deram muito desgosto. Resolvi retirar-me para um convento.

JECA: — Uai! Mas vancê não tá vestido de fradé, não. Essa vestimenta é de Judas...

SERVIÇOS INDISPENSAVEIS

P. R. M.: — Como é isso? Já "trabalhei" de mais. Agora preciso de descansar.

ANTONIO CARLOS: — Deixe o descanso para mais tarde. Até a eleição do Mello Vianno, ainda temos de liquidar muita gente.

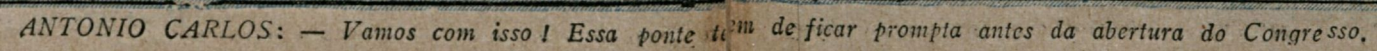
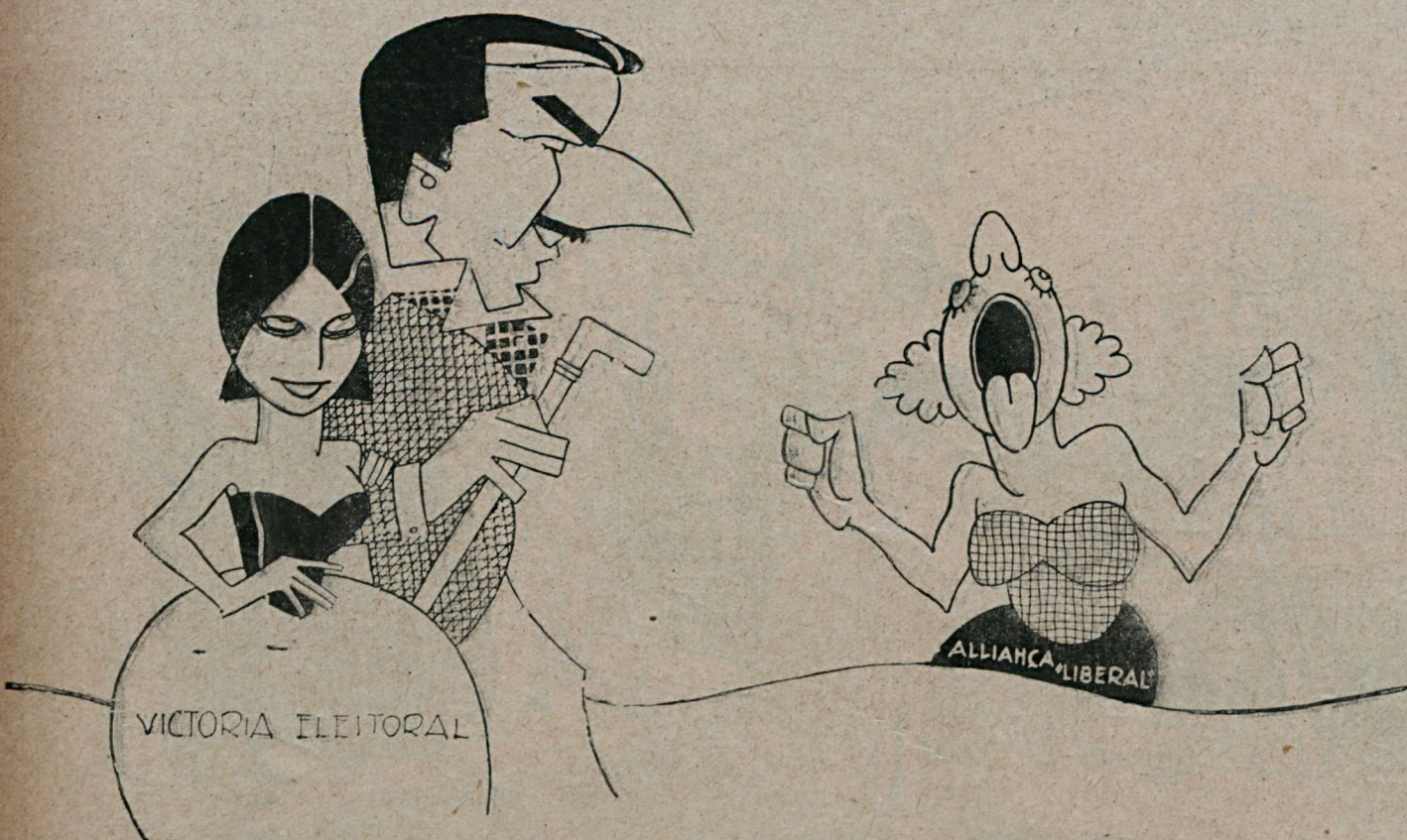
INUNDAÇÃO DE VOTOS

Desta vez, o guarda-chuva do Dr. Frontin "prestou"...

MÃOS Á OBRA!

O Malho

ANTONIO CARLOS: — Vamos com isso! Essa ponte tem de ficar prompta antes da abertura do Congresso.

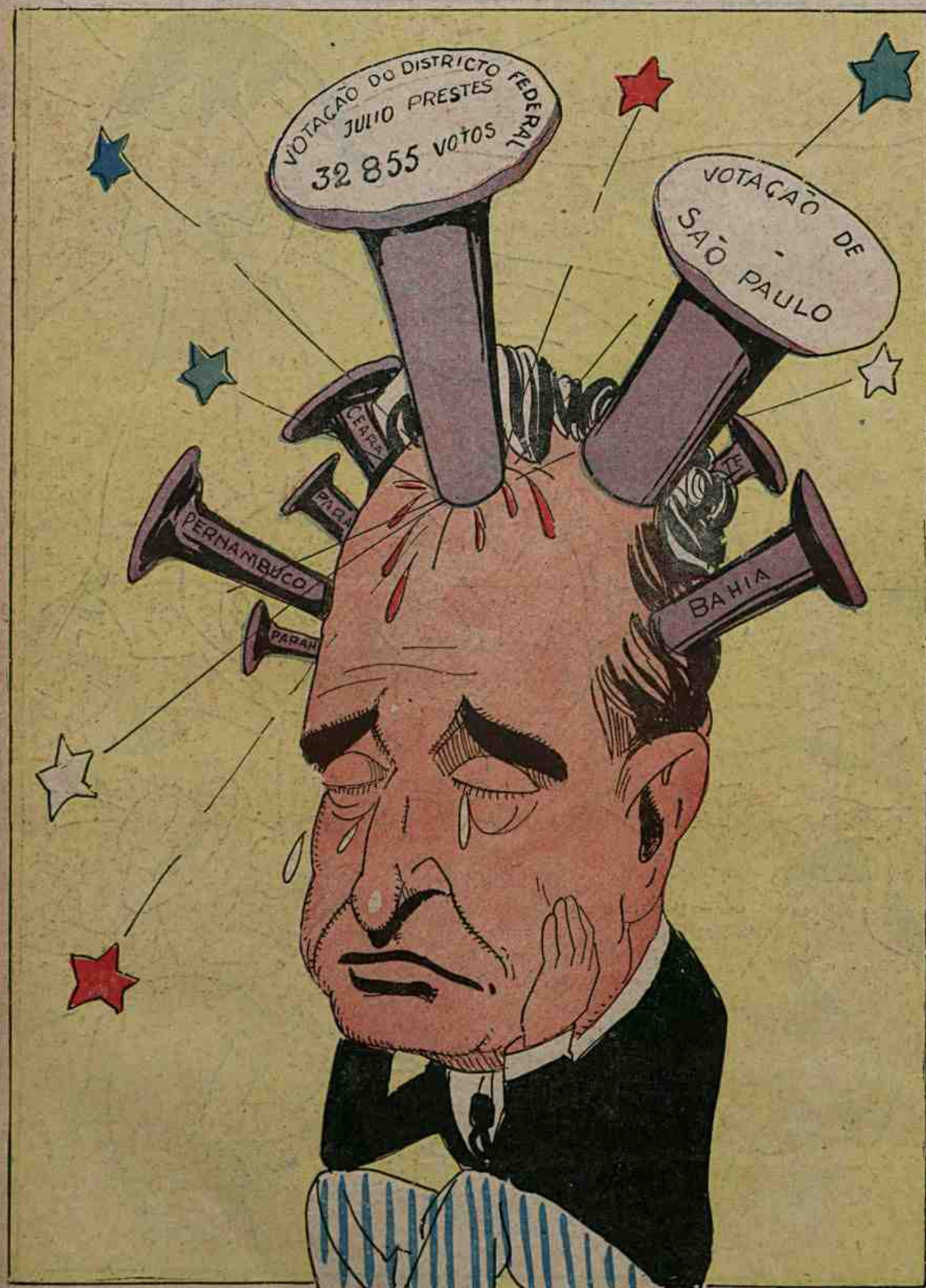
DÁ NELLA

PRESTES (*cantando*): — *Fala,*
lingua de trapo,
que eu da tua bocca não escapo!

O ULTIMO CARTUCHO

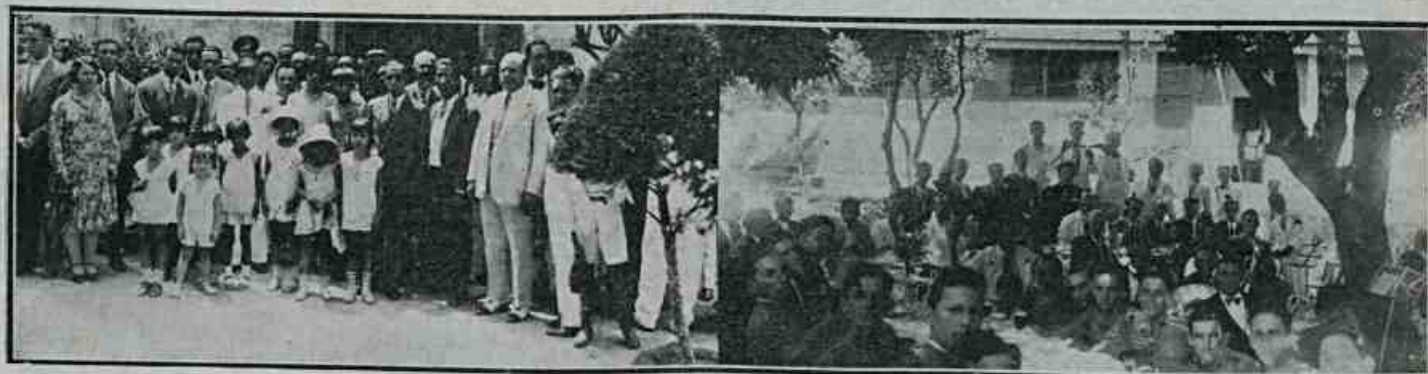
FRANCISCO DE CAMPOS: — *General, nossos soldados deram o fóra. Estamos cercados pelo inimigo!*
ANTONIO CARLOS: — *Ainda ha um geito! Mande o corneteiro dar o toque de adhesão.*

EFFEITOS DO SOL

ZÉ POVO: — Chi! Quanta gente de nariz comprido!...

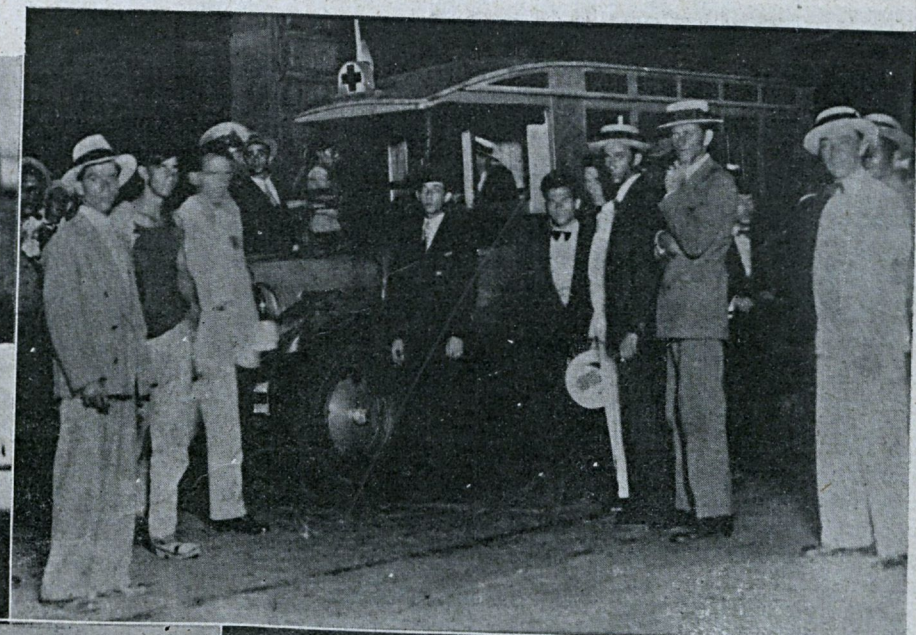
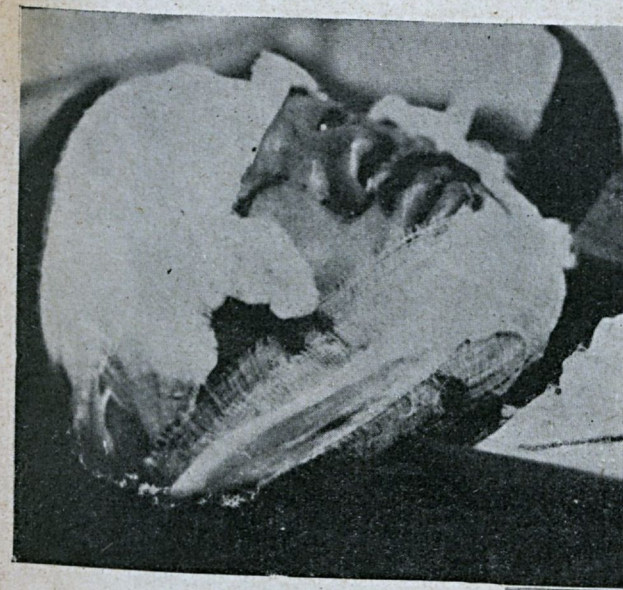
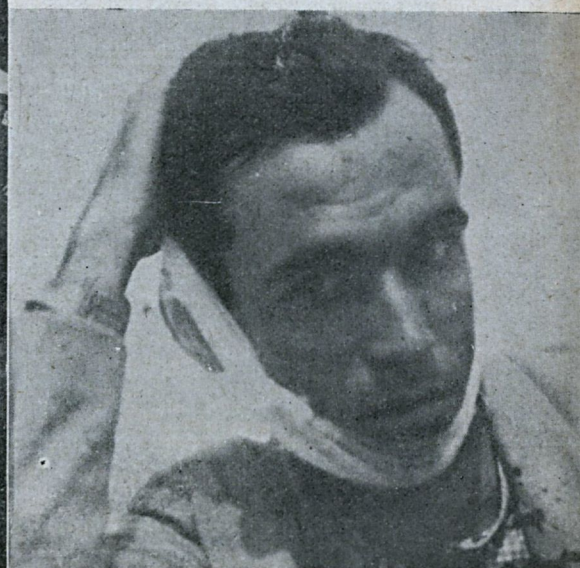
CABEÇA INCHADA!

De todos os pregos que lhe enterraram na cabeça, o do Districto Federal foi o que maior dôr lhe causou!

Na redacção de "A Ordem", depois da inauguração dos retratos de Antonio Prado, Labouriau, Castro Araujo e Coutinho. Foi uma cerimonia que a todos commoveu pela sinceridade reinante.

Um flagrante que é uma lição: O Sr. presidente do Estado do Paraná exercendo o sagrado direito do voto. Ao lado, S. Ex. rodeado de outros eleitores aguardando o momento de votar.

Antes e durante o almoço campestre levado a effeito pela União dos Empregados do Commercio.

O desembarque do corpo de Souza Filho, na Bahia, vendo-se altas autoridades do Estado e congressistas.

O EMOCIONANTE DESASTRE, NA SERRA DE THEREZOPOLIS

Dois dos feridos depo's de medicados

No local do desastre, quando eram retiradas as victimas.

O infortunado Jorge Py, que, pelo seu heroismo, morreu tragicamente.

D. Estelita Gouveia, ferida.

Um ferido

As vidas arrebatadas, por entre o estridor de ferros e madeiras partidos, no desastre impressionante da Estrada de Ferro Therezopolis, merecem, cada uma dellas, um voto sincero da magoa de todos nós. Umas se interromperam quando tudo fazia crer que ainda muito se prolongariam; outras, ainda mais prematuramente, tão jovens eram as victimas, lembram botões de rosa despetalados brutalmente pela furia de um cyclone... Ao encontro de todas essas existencias veiu a morte de surpresa. Só de Jorge Py, o grande e estimado foot-baller que tão bem integrava o quadro do Fluminense F. C., pode dizer-se que foi o seu heroismo, a sua nobreza, o seu alto espirito de solidariedade humana que o impelliu a afrontar voluntariamente a Parca impiedosa.

Jorge Py morreu como um herõe, sacrificando a propria vida para salvar a do proximo. Dahi o sentimento particularmente profundo com que foi recebida a noticia do seu sacrificio inutil, e sentimento que transpoz os limites já amplos dos meios sportivos, para se espalhar por toda a cidade, por todo o Brasil, cujas côres tiveram já, no saudoso full-back, um defensor ardoroso, em pugnas internacionaes. Py morreu honrando a especie humana, exaltando o nome de seu club e offerecendo um magnifico exemplo de desprendimento aos dias egoisticos que vivemos.

O casal Horacio Costa Bastos, feridos, em companhia do menino Helio, que nada soffreu.

Fernando, ferido

Ary Menezes, ferido

Ivan, ferido

Rubem Bandeira, ferido.

Em Barão de Mauá, á espera dos feridos da catastrophe.

De Mori, joven que recebeu ferimentos no desastre.

David, ferido

Ripper, ferido

Vera e Aida, desventuradas filhinhas do casal Costa Bastos, que tiveram morte horrivel no desastre.

MARÇO 2 DOMINGO

DIA A DIA

MARÇO 8 SABBADO

PADRE FELICIO MAGALDI

Padre Felicio Magaldi.

Partiu para Campos, para tomar posse da vigararia geral daquelle bispado o Rev. Padre Dr. Felicio Magaldi, que, durante cerca de 9 annos, exerceu com actividade e verdadeiro zelo, o cargo de vigario de Campo Grande, nesta capital.

Sacerdote illustrado, o Padre Magaldi saberá imprimir ás suas novas e altas funcções ecclesiasticas, o cunho da sua personalidade esclarecida, continuando a prestar, deste modo, os mais preciosos serviços á Igreja e á catholicidade brasileira, que nelle sempre tiveram um servidor delicado e incansavel.

ALMIRANTE VON TIRPITZ

Almirante von Tirpitz

Falleceu em Obernhausen, nas proximidades de Munich, o almirante Alfred von Tirpitz, chefe da esquadra allemã durante a conflagração mundial e organizador da guerra submarina. Foi von Tirpitz uma das figuras mais representativas do antigo regimen na Allemanha, e não quiz, á semelhança de Hindenburgo, sobreviver ao collapso do Imperio Allemão. Eleito embora, para o Landtag da Prussia, o velho almirante conservou-se sempre num ambiente de penumbra, soffrendo a hostilidade do meio para que o atiravam os acontecimentos.

Von Tirpitz deve ter fechado os olhos á vida ainda com a sua mesma visão de sempre, de fascinação pelo mar e pelo dominio universal de sua raça.

WILLIAM TAFT

William Taft.

O fallecimento de William Taft priva os Estados Unidos de um dos seus authenticos varões, uma de suas figuras mais representativas. Ex-presidente da grande Republica do norte e ex-presidente da sua Suprema Côrte Federal, constituiu e ainda continúa a constituir Taft, em sua patria, a excepção unica de occupar os mais altos postos do executivo e do judiciario da Republica. Amigo intimo de Roosevelt, tendo feito parte do gabinete ministerial em sua presidencia; adversario, depois, de Roosevelt, que não permittiu sua reeleição para chefe do Estado. Taft foi, apesar de tudo e em ambas essas phases da sua orientação politica, um emulo da personalidade inconfundivel do grande presidente seu antecessor, nas suas mais nobres e peregrinas qualidades de homem publico.

ATRAZO DE CORRESPONDENCIA

O edificio dos Correios.

Os nossos collegas do *Diario da Noite* publicaram, ha dias, interessante reportagem em torno do estravio de correspondencia e outras irregularidades do serviço postal da Republica. Podemos hoje, graças a informações de varios funccionarios dos Correios, adeantar que na repartição geral existe aos montes correspondencias depositada ha dias pelos remettentes, sem seguir os seus destinos. Accrescentam os nossos informantes que esse atrazo do serviço é motivado pelas obras internas que estão fazendo no edificio, atravancado com andaimes... Denunciamos, por nossa vez, esses factos, para que os nossos leitores saibam a quem attribuir o atrazo com que estão recebendo *O Malho* e as demais revistas da Empresa por elle encabeçada.

"AD IMMORTALITATEM"

Guilherme de Almeida.

A Academia Brasileira de Letras preencheu a vaga aberta com a morte de Amadeu Amaral. Coube a cadeira que tem como patrono Gonçalves Dias, e antes occupada por Bilac, ao Sr. Guilherme de Almeida, eleito por 23 votos contra 10 do seu mais forte concorrente, que foi o Sr. Veiga Miranda. E isto logo no primeiro escrutinio, o que bem mostra o alto conceito em que é tido, pelas élites intellectuaes, o grande poeta agora acolhido na *illustre companhia*. Guilherme de Almeida é autor de uma obra consideravel, quantitativa e qualificativamente. E' um poeta de renome nacional e um chronista dos mais completos. "Raça", "Meu", "Messidor", "Nós", "Simplicidade", "Natalica" e "Encantamento" — são os titulos de alguns dos seus trabalhos.

O 6º ANNIVERSARIO DA AMEA

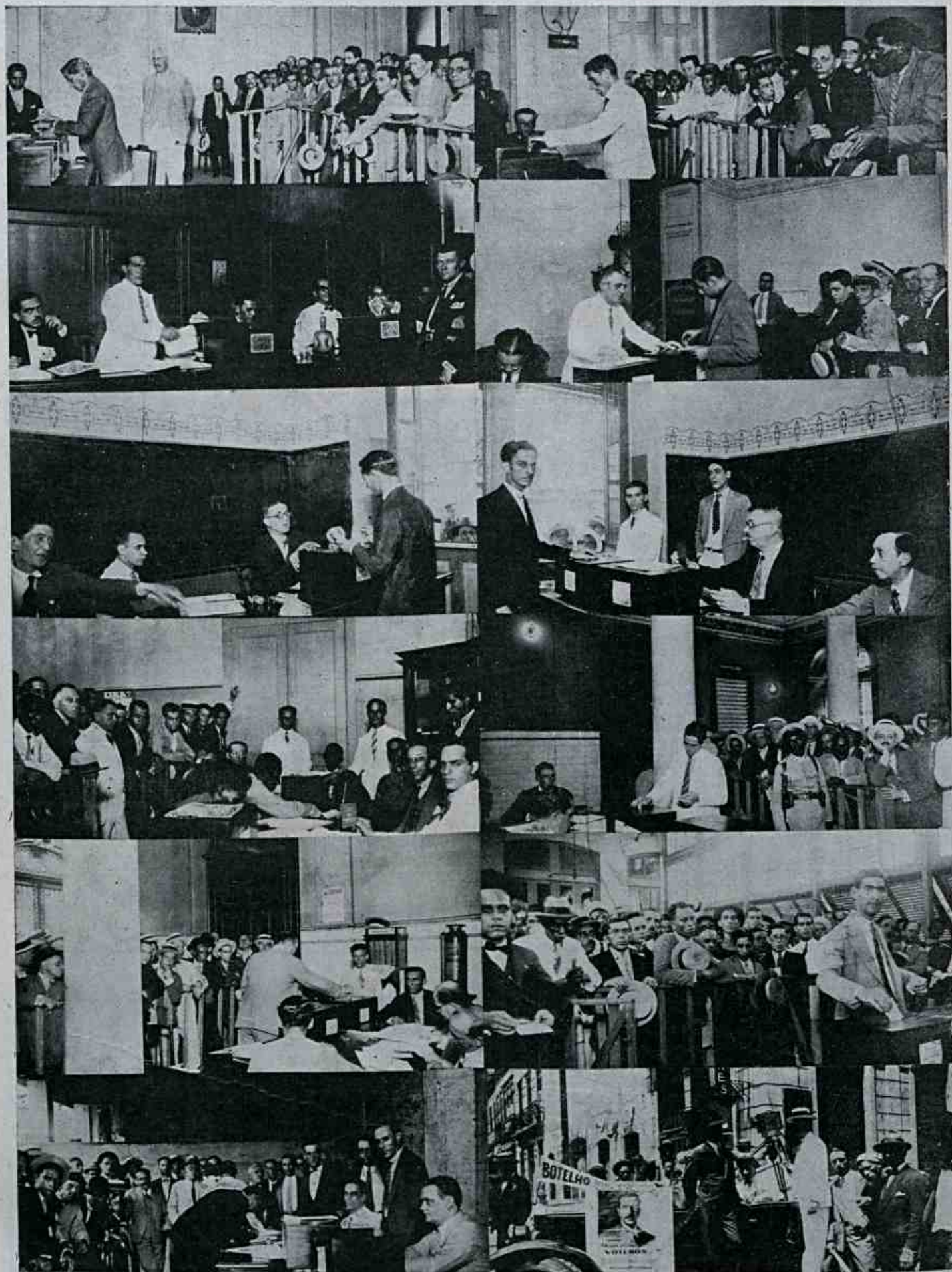
Dr. Arnaldo Guinle, primeiro presidente da Amea.

O estimulo que a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos tem dado á pratica dos sports geraes entre nós, notadamente ao athletismo e ao football, recommenda esta entidade á justa gratidão de quantos se interessam pela formação physica das novas gerações brasileiras, em preparo constante e cuidadoso de "uma alma sã num corpo são". A Amea tem sabido, com esclarecimento digno de encomios, collocar-se á altura de sua finalidade civica, e isto desde sua fundação, em 1924, quando a presidiu o Dr. Arnaldo Guinle, sportman authentico que soube ensinar com segurança os primeiros passos da associação mentora dos sports terrestres do Rio de Janeiro.

A CRISE FRANCEZA

André Tardieu.

O Sr. André Tardieu voltou realmente á presidencia do gabinete ministerial, e desta vez desmentindo, ao que parece, os máos augurios. A declaração lida pelo gabinete, ao apresentar-se elle á Camara, mereceu approvação de uma maioria que desorientou por completo a opposição. Espera-se, assim, que a politica franceza caminhe agora com segurança, permittindo ao Sr. Tardieu executar o seu complexo programma, no qual se inclue o problema naval.

AS ELEIÇÕES DO DIA 1º DE MARÇO

A nossa pagina mostra alguns aspectos das ultimas eleições realizadas nesta capital. Como se vê, as mesmas correram animadas e em perfeita ordem.

O RIO PITTORESCO — Um vendedor de refrescos, na Praça 15 de Novembro.

Mario Baptista, nosso leitor em Bello Horizonte.

E num ispanta...

"— Nha Maruca Trapichêra
p'ra falá é érpe, nha Olaia.
Chi!... Fala de tar manêra,
que mais parece um-a gráia.

P'ra mim, ella é a faladéra
mais róge que hái.
— E', nhô Maia
A linguona da porquêra
num pára, não: Só trabaia!

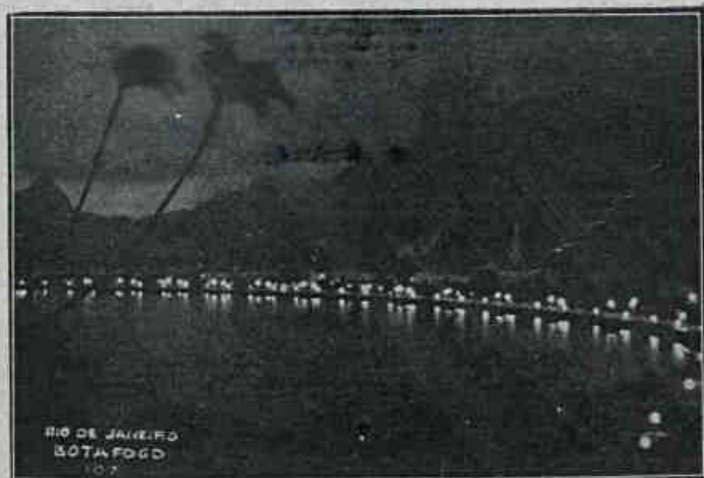
— Púis, se inté já tão dizeno
que a damnada anda soffreno
das guélas!... E num ispanta;

Falano ansim, sem pará,
ella tinha de acabá
cò argum callo na garganta".

(S. Paulo)

Fontoura Costa.

O RIO PITTORESCO

Um trecho lindo de Botafogo

Rio de Janeiro — A praia de Botafogo á noite

PHOSPHORESCENCIA DO MAR

E' um phenomeno interessante. Quando um navio corta as ondas observa-se em torno delle, á noite, uma luz viva e scintillante. Parece que myriades de estrellas andam sobrenadando á surperficie das aguas.

A explicação de tal phosphorescencia dava o que pensar aos naturalistas. Está demonstrado hoje que esse phenomeno que varia segundo o estado da atmosphera, direcção das correntes marinhas e dos ventos é devido a animaes microscopicos e algas, mais numerosos nos mares do Equador que em outros, assim como á decomposição de planetas, sargaços, peixes, etc. Chama-se tambem a esse phenomeno *ardentia*.

Meu sonho...

Tive um sonho feroz... que a pelo infinito,
Como um corsel de fogo espalhando desgraça...
— Cada zurrar que eu dava, — era um zurrar maldito
Entre restias de anil, de luzes e fumaça!

Pelo estrondo do fumo e enxofre, acre e exquisito,
Informe, tonto e negro, em satanica ameaça,
— Ia em banhos de fogo — allucinado, afflito
Retalhando este corpo em ferina mordaça...

Eis, que caio no Abysmo... em tenebroso Abysmo!...
Em diabolica rêde entramada de espinhos:
Tive impios no meu sêr, impios de Satanaz!

E, creio! era tamanho o meu funambulismo,
Que versos debulhei, quaes ondas de Diabinhos,
Cheirando oleo e azinhavre, estopim e agua-raz!...

JOSE' MACEDO

Grande Concurso de Contos Brasileiros

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionaes — considerando o enorme successo que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente inéditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentival-os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passatempo nas horas de lazer.

CONDIÇÕES:

O presente concurso se regerá nas seguintes condicções:

1) Poderão concorrer ao grande concurso de contos brasileiros de "O Malho" todos e quaesquer trabalhos literarios, de qualquer estylo ou qualquer escola.
2) Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almasso dactylographadas.
3) Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.
4) Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os enredos, de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citar-se factos estrangeiros.
5) Serão excluidos e inutilisados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.
6) Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro envellope fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fora, o titulo do trabalho.
7) Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empreza, para a publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.
8) E' ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam ineditos e originaes do autor.

PREMIOS:

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º logar	Rs. 300$000
2º "	Rs. 200$000
3º "	Rs. 100$000
4º, 5º, e 6º collocados	Rs. 50$000 cada

Do 7º ao 15º collocados — (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para Todos", "Cinearte" ou "Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

ENCERRAMENTO

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no entanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o

"Grande Concurso de Contos Brasileiros"

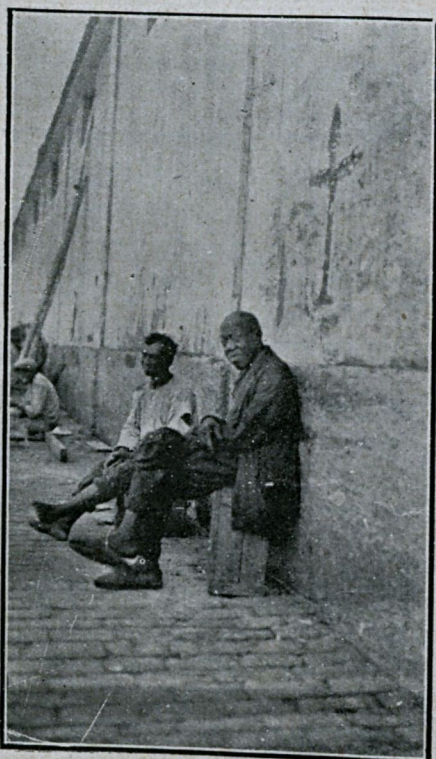
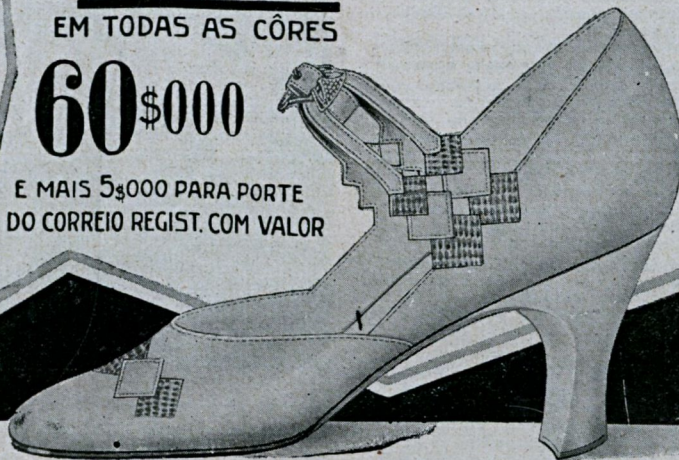
Redacção de "O MALHO" — Travessa do Ouvidor, 21 — RIO DE JANEIRO

Senhorinha Odette Costa, eleita "Miss Uberlandia", Minas, no concurso do jornal local "A Tribuna".

Pensamentos de um "prompto"

Dizem que a palavra é prata e o silencio é ouro. No entanto, estou cansado de ficar quiéto e... nada de apparecer o ouro...

* * *

Eu acho muita graça nesses ricos estupidos, quando se dizem *promptos*... a pagar toda e qualquer divida. Que paradoxo boçal!

O RIO PITTORESCO — Quantos annos terá o negro velho do Cáes Pharoux?...

Ah! Si eu pudesse descobrir a mina do "vil metal!"

* * *

Como póde um "prompto" fazer o seu pé de meia, si as meias mais modestas custam uma fortuna?

* * *

O verbo que mais eu conjugo é o *dever*. E dizem que nós, os "promptos", não somos dignos da patria em que vivemos!

* * *

Nós temos um orgulho que muita gente não tem: jámais nos vimos ás voltas com uma duplicata...

* * *

A "facada" é um direito que nos pertence.
E' que a victima *morre* si... puder, ou si lhe dér na cabeça.

Deus d'sse: "Ganharás o pão com o suor do teu rosto".
Eu, porém, raras vezes como pão. Até nem gosto disso.
Logo, o conselho divino falhou... nesse ponto.

* * *

Mais nobre é uma "facada" digna do que tres cavações immoraes.

* * *

A gorgeta é uma bofetada lançada ao rosto daquelles que, á hora do jantar, ainda não botaram um pingo de café no estomago.

* * *

Um consolo eu tenho: mesmo o mais rico recruta, para ser official, é obrigado uma vez na vida, a passar a... prompto!

Oswaldo da Sylveyra

SEXTO CONGRESSO PAN-AMERICANO DE CREANÇA

COMO ESTA' ORGANIZADA A REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA

Na cidade de Lima, Peru', durante a semana de 4 a 11 de Julho, do corrente anno, se reunirá o 6º Congresso Pan-Americano da Creança.

Nesse certamen serão ventiladas e coordenadas todas as questões relativas á creança americana distribuidas em dois grandes grupos: 1º subordinado ao titulo "Questões medicas em geral", subdividido em tres secções (medicina, cirurgia e hygiene), e o segundo com a designação "Questões sociaes em geral", comprehendendo outras tres secções (assistencia, legislação e educação).

Recebido o convite de Lima pelo professor Aloysio de Castro, foram convocados para uma reunião do Departamento Nacional de Ensino os principaes especialistas desta Capital, nos assumptos que constituem objecto do Congresso, afim de se organizar a Commissão Brasileira.

Esta ficou constituida da seguinte fórma:

Commissão Executiva: — Presidente de honra, professores Aloysio de Castro e Olyntho de Oliveira; presidente, professor Luiz Barbosa; 1º vice-presidente, Dr. Lemos Britto; 2º dito, Dr. Martinho Rocha Junior; secretario geral, Dr. Leonel Gonzaga; secretario adjunto, Dr. Mario Olinto; thesoureiro, Dr. Ovidio Meira.

Conselho Deliberante: — Dr. Mello Mattos, Dr. Fernando de Azevedo, professor Miguel Couto, professor Fernando Magalhães, Desembargador Nabuco de Abreu, Dr. Moncorvo Filho, Desembargador Ataulpho de Paiva, D. Jeronyma Mesquita, Dr. Jonathas Serrano, professor Barbosa Vianna, Dr. Zeferino de Faria, Dr. Oscar Clark, professor Mello Leitão, D. Celina Padilha, Drs. Alfredo Neves, Eduardo Meirelles, Carlos F. Abreu, Rocha Braga, Adamastor Barbosa, Luis Magalhães, Arno Arnt, Waldemar Ribeiro, Israel França e Aresky Amorim.

O Conselho Deliberativo ficou constituido pelos presentes á reunião e por mais alguns que, não tendo sido convidados, tiveram os seus nomes lembrados pelos presentes como de pessoas interessadas na causa da creança e á qual têm prestado serviços assignalados.

A Commissão Executiva tem se reunido diversas vezes e desenvolvido a necessaria actividade para obter os trabalhos que constituirão a contribuição brasileira ao Congresso de Lima. Necessitando do apoio valioso e da collaboração dos Estados da União, foram escolhidos os seguintes nomes para, na qualidade de delegados nos Estados, formarem livremente as subcommissões nas regiões a seu cargo: Dr. Orlando Lima — Amazonas, Pará, Maranhão e Piauhy; Dr. Mario Eliezer Studart — Ceará; Dr. Walfredo Guedes Pereira — Rio Grande do Norte e Parahyba; Dr. Carneiro Leão — Pernambuco; professor Martagão Gesteira — Bahia, Alagôas, Sergipe e Espirito Santo; professor Almir Madeira, E. do Rio de Janeiro; Dr. Clemente Ferreira — S. Paulo; professor Raul Carneiro — Paraná e Santa Catharina; professor Florencio Ygartusa — Rio Grande do Sul; professor Mello Teixeira — Minas Geraes.

A esses delegados incumbirá a tarefa de angariar, nas respectivas regiões, adherentes, theses, trabalhos, tudo emfim que possa concorrer para o Brasil se apresentar condignamente em Lima no mez de Julho.

Logo que a commissão executiva receba a relação dos themas officiaes do Congresso, fará larga distribuição e publicação e designará os relatores brasileiros para os mesmos, bem como se dirigirá a todos os que se interessam pela creança pedindo-lhes a remessa de trabalhos originaes. Esses trabalhos deverão ser entregues no Rio de Janeiro até 1º de Maio, afim de que haja tempo para a consecutiva remessa para Lima, dentro do prazo marcado officialmente (15 de Junho).

A séde da commissão brasileira é a da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, á Avenida Mem de Sá 197, podendo toda a correspondencia ser remettida ao Secretario Geral, Dr. Leonel Gonzaga, á Praça Floriano n. 7, sala 420 (Edificio Odeon).

Embarque para a Bahia, de regresso de sua excursão a Buenos Aires, dos professores Estacio de Lima e Exma. familia, e Deraldo Dias, e dos academicos senhorita Lili Lages, Demosthenes Madureira de Pinho, Pericles Madureira de Pinho, Miguel Calmon Sobrinho, Magno Baptista e Lages Filho.

O RIO PITTORESCO — Uma hora de descanso á sombra amiga das arvores da Praça 15 de Novembro.

Amor-perfeito

Teu nome — vivida imagem —
Vale por fulgido poema.
Em adorada linguagem
E' a miniatura de um lemma.

Por uma noite enluarada
Nasceste, querida flor,
Das niveas mãos de uma fada
Que vela os sonhos de amor.

E Eros ao ver-te, sorrindo,
Para render-te seu preito,
Quiz dar-te nome bem lindo
Chamando-te amor-perfeito.

Desde então na contextura
Dos symbolos em geral,
E's a imagem suave e pura
Do amor sincero e immortal.

ARAUJO SOBRINHO

RIO DE JANEIRO — Pôr do sol, no Corcovado

AS CHUVAS PODEM TRAZER EPIDEMIAS?

Durante muitos seculos, era corrente a expressão de que a morte nos vinha do céu, em forma de fogo, cinzas ou pestes. Agora, porém, parece que esta expressão familiar se converte em um facto scientifico, de comprovada realidade, pelo menos no que se refere á morte das plantas. E' possivel, tambem, que os animaes pereçam, da morte que fluctúa nos ares. E até os homens não estão, certamente immunes, pois um joven bacteriologo britannico, que se dedicou á caça de germens, usando aviões para este mistér, demonstrou que as sementes vivas do mal existem, aos milhões, a uma altura maior do que costumam voar os aeroplanos.

A difficuldade de distinguir entre os germes das diversas enfermidades humanas levou-o a fazer ensaios nos germens das enfermidades que atacam as plantas, as pestes que prejudicam os trigaes e outras.

Mister W. A. R. Dillon Weston, da Escola de Agricultura da Universidade de Cambridge, que se dedicou a estas experiencias, diz que, se as epidemias das plantas podem propagar-se por meio de germens que habitam nas alturas, não ha nada que impeça de serem as enfermidades de igual modo, e cita, como exemplo, mysteriosa epidemia da febre aphtosa no gado, que estalou em varias partes isoladas da Inglaterra, ha 2 ou 3 annos.

Algumas enfermidades humanas podem originar-se em germens levados pelo ar, a grande distancias. E assim já o suppunham muitos medicos, ha muitos annos

A palavra **malaria** que significa **máo ar**, seria uma confirmação desta crença.

* * *

Depois que Pasteur descobriu e assignalou os germens como causa das enfermidades, a theoria do ar foi abandonada gradualmente, porque se suppunha que os germens se transmittiam, principalmente, pelo alimento e pelas bebidas, ou por estreito contacto entre os seres humanos. Parece, agora, que a velha theoria do ar pode ter algo de verdade. Alguns mysterios de passadas epidemias podem ter, nella, a sua explicação. E pode succeder, então, que, literalmente falando, a tão temida morte nos caia do céu em forma de chuva, pois o professor Dillon-Weston e outros acham que as nuvens contém mais germens do que o ar limpo, e que estes germens, refugiados nas nuvens, podem ser arrastados para a terra em gottas de chuva e ser semeados sobre campos e hortas que indubitavelmente, infestarão.

E o que o fazendeiro chama e considera uma chuva de agua pura, tão necessaria para os campos sedentos, pode, tambem, ser uma chuva de germens mortiferos para os seres vivos do computo.

* * *

Ha tres annos, Mr. Dillon Weston, durante um vôo que realizou com um amigo, expoz ao ar um pedaço de vidro, dos que se empregam para examinar objectos ao microscopio. Ao examinar, no laboratorio, as pequenas particulas que haviam adherido ao vidro, o joven scientista de Cambridge ficou surprehendido ao descobrir ovoides de germens ou outra classe qualquer de representantes diminutos de seres vivos.

Esta experiencia levou-o a outras, e nellas se descobriram novos signaes de germens. Mr. Dillon Weston, resolveu praticar um estudo nacional que afastassem todas as possibilidades de terem os microbios adherido ás placas de vidros, accidentalmente, depois de serem ellas levadas ao laboratorio.

Dois resultados desses estudos, recentemente annunciados, incluem mais de 70 caçadas de germens, realizados a alturas que variam entre 150 e 4.000 metros sobre o nivel do solo. Empregaram-se tres differentes classes de apparelhos

Um destes consistia em tubos ordinarios de vidro, dos que se usam para ensaios, cheios de uma solução na qual os germens se desenvolvem com facilidade, e hermeticamente fechados, antes de começar o vôo.

A certa altura, destampava-se um desses tubos afim de que o ar pudesse entrar e estabelecer contacto com a solução. E immediatamente, arrolhavam-no bem, antes de voltar á terra.

No laboratorio, esses tubos, expostos em differentes logares, eram collocados em um incumbador, afim de conservarem o liquido que elles continham na temperatura mais adequada ao desenvolvimento.

Deste modo, poude Mr. Dillon Weston obter alguns dos seus mais curiosos exemplares aereos.

Como se sabe, este processo dos tubos é, a miúde, empregado pelos bacteriologos para obter um maior desenvolvimento dos germens que se deseja examinar.

A 4.000 metros de altura, a maior em que se praticam estas experiencias, encontraram-se germens vivos, e em diversos vôos realizados a mais de 3.000 metros de altura, obteve-se igual resultado.

Verificou-se mais que os germens das grandes alturas eram mais numerosos no verão do que no inverno, e são mais abundantes nas nuvens do que fóra dellas.

Os germens foram encontrados, com frequencia, na chuva. E o numero das experiencias praticadas e a coincidencia vital entre elles, não deixa duvidas de que o ar, a uma altura de 1.500 a 3.000 metros, se encontra densamente povoado por esses pequeninissimos seres.

E' muito possivel que alguns dos germens apanhados por Mr. Dillon Weston sejam causa de enfermidades humanas ou de animaes, mas pensa o citado professor que a maioria delles seja causadora de molestias vegetaes. Muito poucos delles haviam já alcançado seu pleno desenvolvimento; geralmente os germens não vagam pelo ar, em fórma adulta, nem mesmo na superficie da terra. Elles são encontrados em forma de ovulos, e têm uma vitalidade assombrosa para resistir a condicções durissimas que matariam os germens ordinarios.

Provavelmente, existe algo nestas alturas que matta muitos desses ovulos: a luz solar que tem mais ultra-violetas.

Talvez esta mesma circumstancia explique porque razão se póde encontral-os, em maior abundancia, nas nuvens do que fora dellas.

Ninguem póde em verdade, assegurar que certas epidemias mysteriosas provenham do ar, mas, por outro lado, isso não é impossivel.

E á luz das investigações praticadas por Mr. Dillon Weston, os medicos começam a prestar mais attenção á possibilidade de que as epidemias venham dos ares em fórma de chuva?

VERSOS DE COLLABORAÇÃO

O SUICIDA

"Adeus, amores, seducções da vida!
Adeus Marilia... sonhos divinaes!
Eu vou partir, embora essa partida
Lacere como pontas de punhaes

Esta minh'alma triste e combalida!...
Adeus, meu berço, meus queridos paes;
A vida é mesmo assim, é compellida
Violentamente pelos vendavaes

Da sorte. Adeus... eu vou partir... morrer...
Fugir do mundo ingrato e sem piedade
No qual vivo sómente a padecer!"

E assim dizendo, o louco, o desvairado
Passou da vida para a eternidade,
Por ter no peito o seu punhal cravado!

HORACIO DE SOUZA COUTINHO
(Suzano)

◈ ◈ ◈

DESVARIO

Alérta, meu Pierrot! Acorda, Columbina!
Momo é chegado e reina aqui qual um sultão,
Vassallo quero ser do grande brincalhão,
Do debochado Rei, da "Rainha Serpentina".

Quero tambem gosar; cumpra-se minha sina;
E que não fique um só vintem no meu gibão.
Eu quero folgar bem, render-me ao Deus pagão,
Na insensatez voraz de louca Columbina.

.. ..

Carnaval, Carnaval de todas as loucuras,
No prazer immortal de tantas diabruras
Retrato o meu perfil na enorme pagodeira.

Oh! sublime illusão de tantos pesadelos
Por ti eu "pinto o sete", e nestes meus desvelos
Ao certo não sei bem quando é a quarta-feira.

LUIZ A. ESTÊVES
(Olinda)

◈ ◈ ◈

O RETRATO

"— Honte, lá na Capitá,
nhá Maria de Jesuis
que véve fazeno frúis,
vaidosa, mandô tirá

num jardim que exéste lá,
e que se chama "da Lúiz",
treis retrato, nhô João Crúiz,
pregado in cartão postá.

E, hoje, intão, chegano aqui...
— O que ella fêiz, nhô Brandão?
— Mandô, logo, p'ra nhô Gi,

um dessses retrato bão,
escripto: "Dedico a ti",
e, assignado, o jamegão."

FONTOURA COSTA
(São Paulo)

ENCANTAMENTO

Naquella noite divinal, radiosa,
Que o plenilunio todo o céo banhava,
Eu vi teu vulto que se approximava
Como uma linda nympha vaporosa.

Vinhas cantando. E a tua voz maviosa
Toda a minh'alma de emoção vibrava.
Porque estavas radiante e então julgava
Seres alguma dryada amorosa!

Deslumbrados seguimos, passo a passo,
Sorvendo o suave e divinal perfume
Que as flores espalhavam pelo espaço.

Então as nossas boccas, sob arquejos,
Murmuravam accordes de queixume,
No preludio divino dos teus beijos!

ADALBERTO SANTOS

◈ ◈ ◈

INDIFFERENTE

Como a sombra de alguem que tivesse morrido
Eu passo pela turba indifferentemente.
O que me importa a mim o que diga essa gente
Se de ti, meu amor, sou assim tão querido?!

O que me importa a mim que alguem perversamente
Propale por ahi que sou máo e perdido,
Só porque me deixei levar tão francamente
Pelo teu livre amor, sincero e desmedido?!

O que me importa a mim que digam: "Pobre Juca,
Coitado do rapaz!... Essa paixão maluca
Fel-o um tanto mal visto aqui pela cidade"...

O que me importa a mim, se eu sei que a Humanidade
Sendo má como um verme e podre como um kisto
Diz mal do céo, da terra e até do proprio Christo?!...

REIS DE OLIVEIRA

◈ ◈ ◈

ASSOMBRAÇÕES!

...Cruz! Raios e Trovões!... Em abysmo sidério,
Divagava Lusbel — o Principe infernal!
Gemiam nos caixões, os mortos! Um mysterio
O deserto cobria; e era um frio invernal!

Um turbilhão de Mocho, em saturnal psalterio,
Lia o *requiem* da Dôr do supplicio eternal.
As lagrimas ardendo! Um negro cemiterio!...
E o desespero infréne a errar no cyprestal.

Nisto vacillo e tremo, abro a porta e depáro
Com um fantasma ou vulcão entre raios vermelhos,
Soltando Leões, lançando a scentelha do Mal!

Porém, ao meu chegar — qual torpedo em dispáro
— Ouviu-se um forte beijo e um rasgar de Evangelhos!!!
E o sacudir dos pés de excentrico animal!...

JOSE' MACEDO

Soneto

Ali, no cemiterio, eternamente,
Nós dormiremos todos socegados.
Serei, seremos todos atirados,
Confundidos na mesma terra ardente.

E pelos mesmos vermes disputados
Ossos de ricos e de pobre gente!
A Morte é boa! a Morte é indifferente
A brancos, pretos, cultos e letrados!

A Morte é dura, recta, inexoravel!
Ha de passar por sua guilhotina,
O juiz, o plebeu e o miseravel!

Nós acabamos numa atroz ruina,
Para dar vida ao verme insaciavel,
Mas a vaidade humana não termina!

Cesar de Magalhães Couto

(Buenos Aires)

HOMEM-CHAFARIZ

Está se exhibindo agora em Londres com grande successo um curioso fakir ainda moço que faz jorrar das mãos e dos pés um fino esquicho de agua que se eleva a quasi meio metro de altura.

Uma dezena de homens assim é de que precisavamos aqui no Rio agora que sempre nos falta a agua nas torneiras.

Um Escandalo

Continuam aparecendo em algumas das maiores cidades do Brasil pequenas drogarias ou pequenas pharmacias com os nomes de *Drogaria Gesteira* ou *Pharmacia Gesteira.*

Sem excepção, são pharmacias e drogarias insignificantes, de uma ou duas portas, no maximo, sem capital, sem sortimento, sem importancia nenhuma.

Um Escandalo!

Os seus proprietarios querem somente explorar o conhecido nome *Gesteira*, para que o povo pense que ellas pertencem ao Dr. J. Gesteira.

Convem, por isto, que todos saibam que o Dr. J. Gesteira não tem ligação de especie alguma, em cidade nenhuma do Brasil, com as taes *Pharmacias Gesteira* e *Drogarias Gesteira*, tão desacreditadas e ridiculas, a que me refiro.

O Laboratorio do Dr. J. Gesteira no Brasil é em Belém, Estado do Pará.

Devo repetir: em Belém, Estado do Pará.

O outro Laboratorio do Dr. J. Gesteira é em Nova York, Estados Unidos da America do Norte.

Depois disto que acabo de afirmar, ficam todos sabendo que o Dr. J. Gesteira não tem filial, nem é socio de Drogaria e Pharmacia nenhuma no Rio de Janeiro, nem em cidade alguma do Brasil.

Dacio Arthenes de Avila

(Director da Fiscalisação da Propaganda dos Remedios do Dr. J. Gesteira, nos Paizes Extrangeiros.)

PRECIOSIDADES PORTUGUEZAS

No antigo Thesouro da Casa Real havia um grande sceptro e uma coroa magnifica mandadas lavrar por El-Rey Dom Diniz com o ouro que se recolhia da lavagem das areias do Tejo, entre Aluarada e Cezimbra. De igual procedencia havia tambem outro sceptro mandado lavrar no tempo de Dom João III. Outra preciosidade era uma ágatha cujos meios representavam a imagem da Virgem com o menino-Jesus nos braços.

Esta original pedra foi uma dadiva de Francisco Barreto, antigo Governador da India, á Rainha Dona Catharina de Portugal.

Caprichos da natureza.

A RUINA MORAL NA TERRA DOS SOVIETS:

"A LUTA CONTRA DEUS"

A apreciada secção "Revista das revistas" d'"O Estado de S. Paulo", edição de 25 de Fevereiro ultimo, nos dá a conhecer sob o titulo acima, uma minuciosa devassa que o conde W. N. Kokovtzoff publicou na *Revue des Deux Mondes* e na qual mostra o que tem sido a perseguição religiosa na Russia.

Por achal-a de grande interesse para os seus leitores e na convicção de que, presta um bom serviço á tradição christã da população brasileira, O MALHO, com a devida venia, a insere integralmente.

"Na primeira plana das destruições que o bolchevismo se impôz — encarniçado contra todos os principios sobre os quaes repousa a sociedade — está a religião; o atheismo faz parte integrante do materialismo marxista.

Tambem, continua o A., o bolchevismo não faz differença alguma entre as diversas confissões, todas igualmente visadas, tratadas como inimigas, denunciadas como um "opio" para o povo, como uma arma que serve á oppressão do proletariado. "E' preciso, declara I. Stepanoff nos seus "Problemas e Methodos da propaganda anti-religiosa" que todos os golpes que desferimos contra os principios da fé, contra os canones e a estructura tradicional da Egreja, assim como contra o clero, tenham a amplitude de um assalto geral contra a religião. Nós devemos travar uma luta decisiva contra o padre, seja qual fôr, chame-se pastor, rabbino, patriarcha, moullah ou papa. Esta luta deve ter o caracter de uma luta contra Deus, chame-se elle Jehovah, Jesus, Buddha ou Allah".

Mas, o assalto do bolchevismo contra a religião é antes de tudo um assalto contra o christianismo, cujos mandamentos se acham indissoluvelmente ligados á moral das sociedades modernas. A mulher de Lenine, Kroupskaya, dizia: "Os interesses de classe do proletariado são diametralmente oppostos aos interesses christãos".

Outra razão ainda explica o encarniçamento do poder sovietico contra a religião: o communismo é uma força dissolvente, ao passo que a religião actúa no sentido absolutamente opposto. A religião é uma força sustentadora da ordem, do equilibrio, desenvolvendo a moralidade que humanisa e abranda os maus instinctos do ser humano que luta com o mal. A religião é pois um obstaculo no caminho do communismo — e é inimiga deste. Por isso, os communistas lutam contra ella, dizendo: Ella ou nós. Religião e communismo não podem cohabitar no mesmo Estado.

A offensiva contra a religião é feita pelo bolchevismo, não só com extrema brutalidade, como com a maior hypocrisia, visto como o Estado bolchevista tem no seu frontão, a inscripção: "Liberdade das religiões".

E com effeito, a luta contra a religião constitue um dos elementos essenciaes da politica geral bolchevista: impossivel conhecer exactamente a face do bolchevismo russo, se não se conhece esta pagina da sua historia e da sua actividade.

Em seguida, trata o A., da egreja russa antes de 1918, mostrando o que fez o governo provisorio revolucionario nesse particular. E refere-se depois ao regimen bolchevista.

* * *

Enganar-se-ia quem quizesse julgar dos actos do poder sovietico, em materia religiosa, pelo texto das suas leis. As disposições legislativas fundamentaes relativas ao exercicio da religião — religião orthodoxa e todas as religiões em geral — estão reunidas na lei de 23 de Janeiro de 1915. O principio da separação do Estado e da liberdade das confissões é ahi proclamado, dando a acreditar que effectivamente o legislador garantiu á Egreja a autonomia e a existencia independente e livre. Todo cidadão, declara a lei, tem o direito de professar uma religião ou de não professar nenhuma. E' prohibido editar leis locaes restringindo a liberdade de consciencia. Tambem se garantia a liberdade das cerimonias religiosas contanto que não prejudicassem a ordem publica.

Mas, uma vez promulgada a lei, o governo annexou-lhe instrucções que aggravaram singularmente a sua applicação. Contrariamente ao principio da separação, as instrucções autorizam uma ingerencia revoltante na vida interna da Egreja forçando as autoridades ecclesiasticas a reconhecer todos os casamentos e todos os divorcios realizados civilmente. O patriarcha Tikhon protestou, mas inutilmente.

A liberdade de consciencia religiosa inscripta na constituição sovietica nunca existiu, realmente, sob o regimen bolchevista. Se as leis da U. R. S. S. não prohibem o exercicio dos cultos, o governo organisa, sob os mais diversos pretextos, a perseguição mais atróz e mais methodica contra a religião, a Egreja e os que a servem. Essas perseguições têm o duplo caracter de destruições materiaes e de destruições moraes.

Destruições materiaes: assassinios e deportações de altos dignitarios e de sacerdotes, não só da Egreja orthodoxa, como de outras confissões; destruição, profanação, pilhagem, fechamento de egrejas, conventos e logares santos mais venerados pelo povo russo.

Destrições moraes; tentativas para desorganizar a Egreja, suscitando, o schisma; tentativas para extirpar, por uma propaganda sacrilega, e por um ensino anti-religioso, todo sentimento religioso e a propria idéa de Deus, da alma do povo russo.

Desde 1917, durante a propaganda que fazia para desmoralizar a população e se apoderar assim do poder, os bolchevistas representavam a Egreja como o peor inimigo do povo, e a religião como um meio, entre as mãos do antigo governo, para conservar o povo na escravidão. Semeava o odio pela mentira e procurava despertar os mais baixos instinctos da população mais baixa. E quando tomaram o poder, intensificaram essa propaganda, cobrindo os muros do Kremlin, das egrejas e dos edificios publicos de cartazes enormes com a inscripção: "A religião é o opio do povo; os padres enganam o povo". E o clero foi relegado para a parte da população não só privada de todos os direitos politicos, como do proprio direito de trabalhar.

Humilhados, expostos aos peores perigos e aos insultos da população, desprovidos de todos os recursos, os servidores da egreja levavam uma vida lamentavel.

Já em 1918, a entrada de um religioso num bonde era saudada por insultos e grosseiras chacotas; toda tentativa de protesto era abafada por ameaças, só restando ao sacerdote descer na primeira parada. Naquelle mesmo anno, o cholera ameaçava Petrogrado; as autoridades locaes decretaram prestações de trabalho para sepultar os mortos, fixando um limite de edade para a sepultação, limite que não era applicado aos religiosos. E o A. recorda-se de ter visto, na principal rua de Petrogrado, uma multidão occupada naquelles trabalhos, encaminhando-se para os arrabaldes, e, no meio della, velhos sacerdotes guardados por soldados e expostos aos insultos e aos gracejos da população.

* * *

Com referencia ás egrejas, diz o A. que não se conhece o numero exacto das egrejas e conventos fechados ou aproveitados para outros fins. A imprensa official sovietica dá para o periodo que se estende sómente até 1 de Janeiro de 1922 e só de conventos, o numero de 722. Quanto ao numero de egrejas fechadas, deve attingir a varios milhares.

O martyrio das egrejas passou por dois periodos: o primeiro estendendo-se até a grande fome de 1921-1922; o segundo não acabará senão com o fim da dictadura bolchevista na Russia.

O primeiro periodo é o do communismo integral, da guerra civil e do terror. Os attentados contra as egrejas e os conventos, a sua destruição, a sua pilhagem, a sua profanação, tomaram, durante esse periodo, uma forma particularmente selvagem e sacrilega. Em 1919, por exemplo, no governo de Kharhkoff, o celebre convento de Sviatogorsk, particularmente venerado pelo povo russo, foi invadido por 60 soldados do exercito vermelho. Depois de pilharem as cellulas dos monges, fizeram irrupção na egreja, suspenderam o serviço divino, profanando as imagens, forçando os monges a dansarem e fumarem, cortando-lhes o cabello e a barba. A pilhagem proseguiu durante dois dias: tudo quanto foi encontrado nas egrejas e casas de habitação dos monges foi posto em 38 caminhões e levado com escolta militar.

No mesmo governo de Kharkoff, em Borki, na egreja construida para commemorar o salvamento da familia imperial, por occasião de uma catastrophe de estrada de ferro, os bolchevistas, com o famoso Dybenka á frente, acompanhados de mulheres alegres, organizaram orgias que duraram tres dias e durante as quaes laceraram as vestes sacerdotaes, destruiram as "icones", transformaram umas das capellas em gabinete hygienico, etc.

Em Tambov, uma das egrejas foi transformada em theatro, as "icones" queimadas ou quebradas, as vestes sacerdotaes empregadas para cobrir os cavallos, os objectos sagrados do culto, as cruzes, etc., postos em trenós e passeados nas ruas acompanhados de uma procissão grotesca, que cantava canções obscenas.

Eis agora o segundo periodo. Aproveitando-se cynicamente da fome que abateu sobre o paiz, o governo sovietico achou meio de instruir uma base legal para a pilhagem e para a profanação dos santuarios, desde então officialmente organizados em todo o paiz. A fome de 1921-1922 causou victimas em numero assombroso, calculando-se em mais de 12 milhões. Grandes aldeias perderam a totalidade da sua população; nas cidades, habitantes cahiam em plena rua e morriam de inanição. Relatorios officiaes de medicos registavam numerosos casos de cannibalismo. Foi nessas condições que o governo sovietico publicou o decreto de 9 de Dezembro de 1921 — inoffensivo na apparencia — pelo qual autorizou os fieis a fazerem collectas nas suas parochias em favor dos esfaimados. Na realidade, esse decreto foi o primeiro acto pelo qual o governo designou ao povo a Egreja como o logar em que se encontravam os recursos necessarios para auxiliar ás victimas da fome.

Esse decreto foi seguido na imprensa official de uma campanha para a confiscação dos objectos sagrados em prata e ouro pertencentes ás egrejas. E em Fevereiro de 1922 outro decreto tornou obrigatoria a entrega de taes objectos ás autoridades e fixando as condições em que devia se realizar a confiscação em todo o territorio da U. R. S. S. Papel decisivo ia representar esse decreto na sorte da Egreja orthodoxa. O governo sovietico serviu-se delle não só para despojar os santuarios e para intensificar a sua propaganda anti-religiosa militante, como para assassinar e deportar milhares de sacerdotes, intentar processos aos mais altos dignitarios da Egreja e promover o schisma nos meios orthodoxos. Foi esse decreto o ponto de partida da guerra methodica dirigida contra a Egreja e os religiosos sob o pretexto de uma resistencia opposta pelos altos dignitarios da Egreja.

As medidas de confiscação dos objectos sagrados inauguraram uma éra que se poderia chamar de "liquidação das egrejas".

O A. cita numerosos casos revoltantes, occoridos em varios logares da Russia, de confiscação dos objectos das egrejas, sem a menor necessidade, e por meio de actos que revestiam quasi sempre o caracter do mais grosseiro sacrilegio.

Não foram poupados os monumentos religiosos antigos, nem as egrejas de Petrogrado e de Moscou, nem as do proprio Kremlin. Esse vandalismo é praticado methodicamente, conscientemente e de sangue frio. E continua, sem que se levante protesto algum por parte do povo que aterrorizado responde com o silencio ás violencias do poder.

O novo attentado do governo dos Soviets contra a fé do povo russo e contra um dos monumentos mais venerados por elle, é bem recente, datando do mez de Agosto de 1929. Por ordem das autoridades sovieticas, durante a noite, quando cessa a circulação na praça Vermelha, em Moscou, foi demollida a celebre capella da Virgem da Iberia, deante da qual, desde a manhã até á noite, estacionavam numerosos fieis, esperando a sua vez de entrar no santuario, onde centenas de cirios ardiam constantemente.

* * *

Ao mesmo tempo que o governo sovietico destruia a casa de Deus, exterminava systematicamente os religiosos pelo assassinio, pela deportação e por um conjunto de medidas que, privando o clero de todos os seus direitos politicos e civis, lhe tiravam os meios de existencia e o condemnavam a uma morte lenta, mas certa.

Os decretos que retiraram á [illegible] auxilio do Estado, e [illegible]

pertencentes ás egrejas e aos conventos, não deixaram ao clero outros recursos senão os que lhe podiam vir dos fieis. Mas estes se acham tambem reduzidos á miseria e incapazes de auxiliar quem quer que seja. Não contente com criar para os religiosos em regimen de excepção que devia assegurar a exterminação lenta dessa categoria de cidadãos, o governo dos soviets manteve contra elles um ataque mais directo e mais brutal: inumeros são os casos de assassinios, de condemnações á morte, de banimento dos membros do clero e de altos dignitarios da Egreja.

A principio, isto é, até a fome de 1921-1922, a exterminação se praticava sem ao menos um simulacro de julgamento; depois, as repressões se tornam mais numerosas, mais systematicas, mais refinadas tambem. São praticadas abertamente sob a forma de processos intentados nos altos dignitarios da Egreja.

O A. cita e descreve o assassinio do metropolita de Kiew, Vladmir, já muito velho, que nunca se manifestara contra o poder Sovietico; o do arcipreste Ornatzky, superior da cathedral de Kasau, em Petrogrado; o do superior da cathedral do almirantado em Petrogrado, Stavrosky, um velho de 83 annos; o do arcebispo de Perm, Andronias, no meio de torturas horriveis; o do superior do convento de Sposoff, etc.

Em toda a parte, o calvario dos sacerdotes era sempre o mesmo. Mas o poder central ainda não agia abertamente.

A partir de 1921-1922, o governo encontra afinal o pretexto que lhe faltava para agir directamente e ás escancaras. Sob o pretexto de que o clero incentivava a desobediencia, por motivo de confiscação dos objectos sagrados, o governo põe em movimento a sua policia politica e os seus tribunaes, dando-lhes a missão de enviar para as prisões centenas, milhares de sacerdotes. Os jornaes officiaes publicaram listas de sacerdotes declarados "inimigos do povo" e designados á vindicta publica, e as autoridades se apressavam a responder a essas denuncias com a prisão immediata dos denunciados. Milhares de membros do clero foram assim enviados pelo G. P. U., sem o menor simulacro de julgamento regular, para as prisões sovieticas e para o exilio. Os bispos, mal vistos pelas autoridades sovieticas eram chamados ao G. P. U., ou ás suas secções locaes, e sem que se admittisse a menor explicação de sua parte, declaravam-lhes que eram accusados de resistencia ás ordens do governo, e depois eram lançados nas prisões ou despachados para o exilio.

Qual será o numero total das victimas assassinadas, entregues aos carrascos ou deportadas? Nunca foi publicada uma estatistica exacta. Mas o sr. H. A. Van de Linde, numa carta publicada pelo "Times", em Março de 1922, diz, segundo as informações dos jornaes, que o numero dos sacerdotes executados durante os tres primeiros annos da dictadura bolchevista é de 28 bispos e 1.215 sacerdotes. Mas as repressões sangrentas não cessaram em 1922. Actualmente, é impossivel indicar mesmo aproximativamente o numero a que attingem. Os Soviets encontraram ainda um pretexto para perseguir os religiosos: accusam-nos de serem os responsaveis pelas más colheitas de cereaes, por aconselharem os camponezes a não levarem os seus productos ao mercado e a não os venderem pelos preços baixos fixados pelas autoridades. Em taes condições, podia-se acreditar que a luta acabasse necessariamente por falta de combatentes, e que os Soviets conseguiriam assim o aniquilamento da Egreja e dos seus sacerdotes. Mas a verdade é bem outra. As informações dos jornaes sovieticos mostram que o governo bolchevista não chegou a privar os fieis do auxilio e da direcção dos seus pastores. Mortos ou enviados para as prisões e para o exilio, os antigos sacerdotes se eliminaram. Mas outros, de formação bem nova, vieram occupar o logar delles, estes provindos das camadas mais profundas da população. São do povo, vieram com elle, da mesma vida do povo e adaptando-se ás suas necessidades e á sua psychologia. Sabem combater a propaganda sacrilega, do resto muito rudimentar e pouco habil, e conseguem reforçar, levar a fé dos fieis. A imprensa sovietica reflecte a inquietação do governo, e diz: "Em face dos novos propagandistas, que são passivos e inhabeis, se levantara, sem medo, os nossos inimigos mais implacaveis, os novos sacerdotes, vindos para substituir os antigos — vindos não se sabe de onde — ignorando-se tambem quem lhes ensina o dogma e os prepara a commungar com o povo para reforçar a fé que o poder sovietico se esforça de extirpar de sua alma".

O collaborador da "Revue des Deux Mondes" conclue o seu estudo tratando de "dois processos monstros", para julgar e condemnar á morte dois altos prelados, um da egreja orthodoxa, o metropolita Benjamin, e o outro da egreja catholica, o arcebispo Cieplak.

LUIS XIV E SUA PROLE

LUIZ XIV, "Rei Sol", de França, reinou 54 annos. Causou-se com Maria Thereza, da Austria, que morreu em 1761. Pouco depois, consorciou-se o Rei, secretamente, com Mme. de Maintenon. Em todo tempo, porém, o "Rei-Sol" teve seus satellites amorosos. De Mlle. De la Va'lére, teve diversos filhos: o Conde de Vermandes, que morreu nos dezeseis annos; Mlle. de Blois, que se casou com o principe de Conti. De Montespan, teve o Duque de Maine e o duque de Folosa; Mlle. de Nantes, casada com o duque de Borbon Condé, e Mlle. De Blois, casada com o Duque de Orleans. De sua esposa legitima, houve um filho, Luiz, o Grande Delphim, que morreu em 1711, e que foi pai do Duque D'Anjou e do Duque de Berry.

Por absoluta falta de espaço, somente no proximo numero iniciaremos a publicação de

"A MULHER QUE INVENTOU O MYSTERIO"

novella de

DE MATTOS PINTO

COM ILLUSTRAÇÕES DE MOREL

Musicas e Discos

OUVERTURE

A "Casa Carlos Wehrs", conhecida editora de musicas populares, instituiu um premio, ou melhor, varios premios, para as canções mais em voga do ultimo Carnaval. Um jury foi organizado para fazer a respectiva classificação e o resultado, logo após o triduo da folia, foi publicado pelo "O Globo", sob cujos auspicios a prova decorrera.

Até ahi, como se vê, tudo vae muito bem. Até mesmo á classificação em 1º logar, que foi justissima e coube á marcha "Dá nella", de Ary Barroso, o concurso da "Casa Carlos Wehrs" correu ás mil maravilhas.

Onde pegou o carro, porém, foi na classificação do 2º logar, com a qual foi contemplado o samba "Caprichos de Mulher", de José Francisco de Freitas, de cuja popularidade só então se teve noticia...

Agora, vejam os leitores: "Na Pavuna", o admiravel samba de que Almirante foi o creador, apezar do extraordinario exito alcançado, exito que o tornou o unico competidor plausivel de "Dá nella", vem collocado em 3º logar!...

Por que semelhante dispauterio? — indagarão.

E nós responderemos, esclarecendo o caso: é que o samba "Caprichos de Mulher" é edição da casa offertante dos premios e instituidora da prova, razão pela qual se comprehende o indebito preterimento, não só de "Na Pavuna", como tambem de "Yôyô, Yáyá", "Dona Antonha, "Quebra, quebra, Gabiroba" e tantos outros.

Semelhante decisão, dôa a quem doer, não recommenda o criterio julgador do jury escolhido para actuar nessa questão.

Em verdade, "Caprichos de Mulher", se foi cantado no ultimo Carnaval carioca, foi, talvez, duas ou tres vezes, e por duas ou tres pessoas...

O povo, de facto, este só se agradou de "Dá nella", "Na Pavuna", "Yôyô, Yáyá" e mais alguns outros numeros que poderiam apparecer como nas listas das eleições, entre os "menos votados", mas que, de forma alguma, deveriam figurar em plano identico ao de "Caprichos de Mulher".

A "POLYDOR" EM PORTUGAL

Sob este titulo, os nossos illustres confrades do "Correio da Manhã" publicaram, domingo ultimo, na pagina de "Musicas em Discos", da qual é redactor o distincto e brilhante jornalista sr. Augusto Lopes Gonçalves, uma nota que nos merece um ligeiro reparo. Esse reparo se projecta no trecho em que, regosijados com o encontro de musicas brasileiras no catalogo portuguez da "Polydor", aquelles collegas incluem a "Casinha da Collina" como sendo da autoria do maestro Pedro de Sá Pereira. "O Malho" já teve opportunidade de tratar, aqui, do caso dessa musica, que é de procedencia mexicana e foi trazida para o Brasil pelo professor Tobias Moscoso. Aqui, então, o maestro Sá Pereira deu-lhe uns retoques "nacionalizadores", o sr. Luiz Peixoto adaptou os seus versos, e ambos assignaram a producção como originaes, afim de não pagarem os direitos autoraes ao dono estrangeiro... E' um caso de deshonestidade já publico e não contestado, que relembraremos sempre que fôr preciso, desejosos que estamos de offerecer combate ás vergonhas reinantes nos nosss meios artisticos. Perdoem, portanto, os illustres confrades do "Correio", esta nossa caturrice.

NOVIDADES DE N. FERREIRA

Já tivemos occasião, no nosso numero passado, de referirmo-nos ás excellencias da musica carnavalesca pernambucana, registrando o appparecimento de duas marchas de Raul Moraes. Agora, temos mais um disco semelhante á venda nesta Capital. E' o de n. 13.109, da marca "Parlophon", que insere nos seus sulcos as marchas "Dédé" e "Maróca só qué sortêro", ambas da autoria de Nelson Ferreiraa, o principe dos musicistas do Norte. Quer uma, quer outra, vêm cheias daquelle endiabrado espirito folião a que fizemos referencia, como já dissemos, no nosso numero passado. Que os phonophilos cariocas não deixem de adquirir essa chapa.

DISCOS DE CALAZANS

A "Columbia" andou acertada enriquecendo o seu elenco com Calazans, o popular "Jararaca", cujos discos de outras fabricas tanto agrado vinham obtendo. Depois que passou para a "Columbia", Calazans continúa produzindo bôas gravações. As ultimas, por exemplo, estão esplendidas. São ilas: "Meu noivado", toada nortista, e "Catirina", embolada, ambas da autoria de João Pernambuco, impressas na chapa 5.172-B; "Gallo Damnado", embolada, e "Viola das Alagôas", toada nortista, ambas da autoria do cantor, impressas na chapa 5.173-B. Calazans e a "Columbia", com estes discos, vão satisfazer o publico e ficar satisfeitos, cada um por sua vez.

CHRISTINA COSTA E O SEU MELHOR DISCO

A cantora sra. Christina Costa, um dos mais noveis elementos do conjunto de interpretes da "Casa Edison", tem alli produzido optimos discos, conforme temos assignalado nesta secção. Nenhum delles, porém, é igual ao que acaba de apparecer e que traz, nos seus dois lados, a valsa — romanza "Glorificação", musica de Pery Pirajá e poema de Oswaldo Santiago, e "Violinha", samba-canção, musica e letra de Henrique Vogeler. E' uma chapa lindissima. Não só pela interpretação dada pela sra. Christina Costa, que tem uma voz bem controlada e uma dicção apurada, como pelo encanto das duas producções nella estampadas. "Glorificação" possue uma melodia deliciosa e são estes os seus versos, pois preferimos que o leitor os julgue:

1ª PARTE

"Tu foste para mim
o milagre que num jardim
faz uma rosa abrir
e um galho secco reflorir!
Tu foste um livro em que eu
li o destino meu
e teu!
Oh! Divino Alkorão!
Evangelho do Coração!
Tu foste para mim
o milagre que num jardim
faz uma rosa abrir
e um galho secco reflorir!
Tu foste um livro em que eu
li o destino meu
e teu!
Oh, Divino Alkorão!
Biblia do coração!
Doce religião!
Oh, Santa e pura devoção,
que me levou ao paraizo
da Paixão!

2ª PASTE

Gloria a ti,
meu amor, por teu olhar!
Gloria a ti!
que vieste me inspirar!
Gloria a mim,
que te ergui em um altar
e que te dei
de poemas um collar!
Gloria a nós
que num laço eternal
nosso amor
conseguimos conjugar!
Gloria, pois,
já que o Mundo se tornou
só povoado, afinal,
por nós dois!"

"Violinha", por sua vez, nada fica a dever á sua companheira de chapa. Até a letra, apezar de escripta pelo autor da musica, a cujo "talento" poetico temos feito varias referencias, desta vez está bem interessante. Pelo menos, casa-se admiravelmente com a melodia, não tem erros audiveis de portuguez e revela certa delicadeza. O numero dessa preciosa chapa é 10.574 e traz a marca "Odeon".

NOVA OPERETA DE LEHAR

Lemos num jornal que Franz Lehar, o magno creador do "Viuva Alegre", da "Eva", da "Frasquita", do "Amor de Zingaro" e de tantas operas célebres, encetou uma serie de peças baseadas na vida de personagens illustres desapparecidos. Primeira foi "Paganini", opereta que já ouvimos varias vezes, nesta Capital. Agora, Franz nos dá "Frederica". E' uma comedia lyrica, cujo libreto foi encommendado ao poeta parisiense André Rivoire. O enredo da nova composição do autor de *Viuva Alegre* é a historia dos amores de Frederic Brion com o sabio e poeta allemão, que nos mimoseou com a creação da adorael *Mignon*: Gœth!

A acção decorre quando o maximo cantor saxão terminava seu curso de direito, na Universidade de Strasburgo, isto é em 1771.

No primeiro acto vemo-nos ante a estudantada alsaciana, em Sesenheim. No segundo, em face da burguezia alsaciana, em Strasburgo. No terceiro, oito annos mais tarde, em Sesenheim, outra vez. Através poderemos acompanhar Gœth nas faustosas salas de Weimar, torturado pelos sentimentos causados por Frederica, que sacrificou seu amor para não embaraçar a carreira do summo bardo.

A *Frederica* foi creada em Paris nos meados de Janeiro transacto, na Gaité Lyrica, e seus interpretes foram Louise Dhamarys, Frederica, Sras. Jasie Maréze, Rachel Charpenter e Dartingue, e Srs. René Gerbert, Robert Allard, André Noel, Gilbert Nabos, Castin, Descombes e Robert Casa.

Para cumulo de delicia quem regeu *Frederica* foi o proprio Franz!

NOVIDADES DA "VICTOR"

Um disco de que Gloria Swanson é a cantora! — eis o que a renomada fabrica "Victor" está offerecendo aos seus freguezes desta Capital. Não é preciso dizer mais nada, portanto. Apenas, adduziremos os seguintes esclarecmentos: trata-se da canção "Amor", thema do "film" daquella artista, intitulado "The Trespasser". O numero da chapa é 22.079 e no seu verso encontra-se uma serenata de Toselli, tambem cantada por Gloria Swanson.

UMA OBRA PRIMA DA "BRUNSWICK"

A chapa n. 10.032, da marca "Brunswich", está fazendo furor nos circulos dos entendidos da arte phonographica. Consideram-n'a uma verdadeira obra-prima nacional. Trata-se do samba caracteristico "Dansa dos Ursos", impresso em uma das suas faces, samba esse da autoria de Pexinguinha, que é, indiscutivelmente, um grande executor e autor. A "Brunswich" está, pois, de parabens. Na face opposta áquella em que "Dansa dos Ursos" foi gravado, encontra-se o samba "Guiomar", de João da Gente.

INFORMAÇÕES

— "Zuleika", choro de Antonio Passos, e "Magunga", choro de Romualdo Peixoto, estão gravados no disco "Victor" n. 10.036, que se constitue, com essas duas peças, uma excellente chapa. A interpretação coube ao Conjunto Typico Brasileiro.

— "Meu passarinho", canção, e "Variações sobre um thema invariavel", samba de concertos, acham-se impressos no disco "Parlophon" n. 13.107. A segunda dessas composições, o samba de concerto, é que merece a attenção dos phonophilos de elite. Trata-se de uma obra de superiorização, ou melhor, de elevação para esse genero popular brasileiro. Levou-a a effeito o maestro Arnold Gluckmann (Pery Pirajá) que dá, assim uma prova do seu talento, da sua competencia e do interesse que a musica nacional lhe vae despertando, apezar de estrangeiro. Os versos de "Variações sobre um thema invariavel" são de Oswaldo Santiago. A interpretação dessa difficil peça foi entregue á soprano Marietta Campello Barrozo, que se desempenhou da tarefa com raro brilho. A gravação é magnifica.

A senhorita Jesy Barbosa, uma das melhores cantoras do elenco da "Victor", reapparece-nos atravez das chapas dessa fabrica de ns. 33.221 e 33.224, como companheira de Silvio Salema, na primeira, e de Brenno Ferreira, na segunda. Na face complementar da chapa n. 33.221 canta elle a valsa "Scismando", de Rogerio Guimarães, e na de n. 33.224 o fox-trot de B. M. de Souza "Eu quero um homem bem vestido". Em ambas as gravações, a senhorita Jesy Barbosa portou-se com muito brilho, revelando um completo dominio sobre o microphone.

— "Orobô", ponto de macumba, isto é, samba caracteristico de Cicero Almeida (Bahiano) e "Toma cuidado", catêrêtê paulista, ambos cantados por Gusmão Lobo, o "benjamin" dos interpretes da "Casa Edison", gravados no disco "Odeon" n. 10.577. E' uma chapa admiravel, notadamente por causa do "Orobô".

— "Coisas do sertão", coco nortista de Marques da Gama, e "Minha viola", toada de Januario de Oliveira, é a dupla que occupa os dois lados do disco "Columbia" n. 5.164-B. Cantou ambas as peças Januario de Oliveira, que se desempenha a contento da sua tareja.

CORRESPONDENCIA

S. ALVES (Rio) — "Não quero amô nem carinho", samba de Canuto com letra de João de Barros, é o companheiro de disco do "Na Pavuna". A sua letra, já que a deseja, ahi segue:

CORO

"Amô... carinho eu não quero
Já jurei, nunca mais hei de amá, hei de amá,
Orgia é bôa, tu bem sabes, eu gosto.
Nesta vida eu hei de me acabá.

I

Tu me deixaste,
Eu que sempre fui teu bem,
Quem parte leva saudades
Quem fica saudades tem!
O mundo diz,
O mundo não tem razão,
Quem 'stá longe dos olhos
'Stá longe do coração.

CORO

Amô... carinho, etc.

II

Se Deus é grande
Sei que o matto inda é maior
Oh mulher quem ri no fim,
Sabes bem que ri melhor
Foste sorrindo
Mas na volta has de chorá
Pois, mulher, para a descida
Todo o Santo ha de ajudá.

CORO

Amô... carinho, etc.

III

Esta é a vida
O destino é Deus quem dá
Quem começa rindo muito
Sempre acaba por chorá,
"Tim-Dô-Lê-Lê"
Vae depois "Tim-Dô-Lá-Lá"
Quem com muitas pedras bole
Na cabeça uma lhe dá.

CORO

Amô... carinho..., etc."

CARIOCA-REPORTER (Rio) — Quer a letra da ultima producção de Sinhô? Isto, francamente, é muito vago. Não recommenda a argucia dos "cariocas-reporters"... Vamos lá que Sinhô tivesse oito ou dez musicas recem-publicadas. Como poderiamos, assim, satisfazer o seu pedido? Emfim, como o autor de "Jura" anda um pouco preguiçoso, a ultima producção sua vinda á lume é a marcha "Sem amor", que a "Columbia" editou no seu disco 5.185-B. Eis a letra:

CORO (1 vez)

"Sem amor — sem amor
Sem amor — sem amor

SOLO

Ai de quem vive soffrendo)
Neste mundo padecendo) bis

CORO

Sem amor — sem amor
Sem amor — sem amor

SOLO

Tem que ficar caladinho)
Como pobre corderinho) bis

CORO

Sem amor — sem amor
Sem amor — sem amor

SOLO

Vive na dôce esperança
Quem espera sempre alcança) bis

CORO

Sem amor — sem amor
Sem amor — sem amor

SOLO

Ai de quem vive soffrendo)
Neste mundo padecendo) bis

CORO

Sem amor — sem amor
Sem amar — sem amar"

ZULMA (Campos) — Ahi vae a letra do samba, que pediu:

CÔRO

"Quando a mulher não quer
O homem não deve teimar
Quando o homem se governa
Grita na rua ou em casa,
Não regeita uma badorna
E pega firme na braza...

CÔRO

Se o sujeito é malandro
Namora, mas não se casa
Remexe no fogareiro
E não se queima na braza.

CÔRO

Formiga p'ra se perder
Fica louca, cria aza.
Só conhece o que é prazer
O cabra que engole braza.

CÔRO

Não adianta teimar,
Mulher séria fica em casa.
Quem não quer se queimar
Não deve pegar na braza".

O autor é José Luiz de Moraes (Caminha) e está gravado em discos "Odeon".

TOM RS

Receio...

Passavam-se os tempos
e tu me amavas;
eu bem o sabia
porém te evitava te encontrar;
tinha medo...
fugia até de te olhar,
e, quando, por acaso,
nossos olhos se fixavam
um "não sei quê" estranho
se passava dentro de mim;
meu coração calmo,
de rythmo quasi imperceptivel
se manifestava,
batia fortemente...
Então eu sentia minh'alma em festa
e comprehendia
que tambem te amava
que te queria...
Procurei acalmar
todos os impulsos
do meu pobre coração
e não consegui;
elle continuava a bater,
a bater, muito,
a pular impetuosamente,
descompassadamente,
por ti.
Ouve, querido: embora
mesmo não te veja,
não me esqueço de ti.
Tenho-te sempre no pensamento;
Tua imagem,
como uma linda silhueta,
vive a se reflectir
sempre dentro dos meus olhos.
Teu nome,
embora não o pronuncie, nunca
vive a bailar nos meus labios.
Bemdigo a hora em que te vi,
em que tive a felicidade
de te encontrar,
e maldigo tambem
quando me lembro
de que te posso perder!...
E entre esse duplo soffrimento
eu vivo agora,
acariciando o passado
desses dias felizes,
temendo e receiando
o futuro,
esses dias que virão talvez para a saudade,
para a recordação
apenas daquella ventura
que se foi
e que, com certeza,
jamais voltará!...

CELIA

1 4 3 5

1 5

MARÇO

1 9 3 0

SECÇÃO CHARADISTICA, DIRIGIDA POR MARECHAL

TODA CORRESPONDENCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO, DEVE SER ENDEREÇADA A MARECHAL — TRAVESSA DO OUVIDOR, 21

"TAÇA MARIA-FLOR"

2ª SERIE

MARÇO E ABRIL

CHARADA SEM ARTE, SEM O CAPRICHO DA FÓRMA, NÃO E CHARADA

1º TORNEIO DE 1930

RESULTADO DO Nº. 1.425

Decifradores

Totalistas

Spartaco, Lyrio do Valle, Carlos Faraldo, Strelitz (todos da U. C. P. — Belém, Pará), A Garota, Barão de Damerales, Calpetus, Condessa e Conde Guy de Jarnac, Dapera, Diana, Erro-Cêos, Etienne Dolet, Gavroche, Julião Riminot, Lago, Lakmé, Maloyo, Miravaldo, Nellius, Neo-Mudd, Orlirio Gama, Paracelso, Ruhtra, Seneca, Sesenem II, Sylma, Themis, Visconde de Adnim, Yara e Zelira (todos do Bloco dos Fidalgos, de Santos), Neptuno e Datrinde (ambos da A. B. C., Bahia).

Outros decifradores

Thalia (B. C. G. — Rio Grande), 24; Ave da Sorte, Aventureira e Dama Verde (todas 3 da Bahia), 22 cada; Violeta (Recife), Jovaniro (Nazareth, Pernambuco), 20 cada; Chow-Chim-Chow, 18; Pedro K. (Bom Jesus de Itabapoana, E. do Rio), Anjoro (S. João d'El-Rey, Minas), 16 cada; Pseudo e Zé Sabe Nada (ambos de Barra do Pirahy, E. do Rio), 15 cada; Francosta, Don Lira, Lambary (da Turma dos Bisonhos, S. Paulo), 14 cada; Therezinha (S. Paulo), 13; Bisilva (Villa Velha, Espirito Santo), 10.

Decifrações

1 — Empanilhado; 2 — Bate-chinello; 3 — Archigallo; 4 — Gregario; 5 — Elmo; 6 — Determinado; 7 Guarda-volante; 8 — Talfaria, 9 — Embatucado; 10 Relux; 11 — Guamomania; 12 — Orthoepia; 13 — Arolas; 14 — Leitura; 15 — Gravidade; 16 — Genovena; 17 Axovado; 18 — Beneficioso; 19 — Acropathia; 20 — Burrada; 21 — Areado; 22 — Dichote, 23 — Passada; 24 — Tabaxir; 25 — Duas pardaes numa espiga nunca fazem liga.

CAMPEONATO DE 1930

Continúa o interesse pela proxima realização do nosso Campeonato, a prova mais importante do anno.

As inscripções continuam a chegar e, até 3 do corrente, já estavam feitas a da *A. B. C.*, da Bahia, com 8 membros; a *U. C. P.*, de Belém, Pará, com Lyrio do Valle, Spartaco, Carlos Faraldo, Scott Mallory e Strelitz, e, hoje, podemos assignalar as de Alvasil, Dama Verde e Pedro Canetti, todos tres da Bahia.

Spartaco já remetteu 3 trabalhos, Alvasil 2, Pedro Canetti 2 e Dama Verde 1, todos destinados a phase eliminatoria.

Outros, segundo estamos informados, preparam-se para tomar parte nesta nossa prova annual e pretendem pedir inscripção nas proximidades do encerramento do prazo a 2 de Abril proximo. O Carnaval com as suas loucuras folionas, suspendeu-lhes por alguns dias a actividade charadistica. Essa lhes voltou na quarta-feira de cinzas, quando recomeçaram a tratar a sério das coisas de Œdipo, interrompida por uma festa, que, não ha duvida, tira o juizo ao brasileiro e com mais particularidade ao carioca.

A estas horas já elles se estão aprestando de verdade para o conquista do *Bronze de Arte* que a Associação Bahiana de Charadistas, por intermedio do seu inclito presidente, o nosso prezado e nobre *Chantecler*, offereceu como 1º premio ao *Campeão d'O Malho* em 1930.

A postos, illustre phalange de Œdipo!

TAÇA "MARIA-FLOR"

2ª SERIE

PREMIOS

Os premios destinados a esta prova são em numero de 9, a saber: 2 (Taça e retrato) para o concurrente inscripto que chegar na frente de todos; 1 outro, para o immediato em pontos; 1 para o que se collocar em 3º logar; 1 que será sorteado entre os que fizerem mais de dois terços até 1 ponto menos que o do 3º logar; 1 ainda nas mesmas condições, para os que attingirem mais da metade até dois terços dos pontos; 3 outros, sendo 1 para cada enigma, cada charada, cada logogrypho, julgado melhor na sua respectiva categoria.

NOVISSIMAS 51 A 59

4—1—O pastor, o cão, *faz largar*. Nota, logo, que a rez que perseguira, se havia *afastado do rebanho*.

Anjoro (S. João d'El-Rey)

3—1—*Dispõe* a *nota* como foi *ordenado*.

Ave da Sorte (Bahia)

2—2—A *mulher* entre um homem e um brilhante, não *hesita* em escolher o que mais *luz*.

Dapera (Bloco dos Fidalgos — Santos)

3—1—Um roubo *melhora alguem*? E' uma *tristeza*! Quem o praticou é raro ter *feito progressos*.

Euristo (Tertulia Edipica — Lisbôa)

1—2—Demonstra ter *negação de intelligencia* aquelle *que se aparta da opinião recebida*.

Jofralo (Da T. E. e A. C. L. B. — Lisbôa).

3—1—*Desloca* até montanhas, e, sem o menor *sentimento*, deixa tudo *desmanchado*.

Roxane (A. B. C. — Bahia)

2—1—Commove-me ver um *ancião* collocar uma flôr sobre a *pedra* da *capella presbyteral*.

Ruhtra (Bloco dos Fidalgos — Santos)

3—2—Depois que lhe botaram *mau olhado* a Maria, por qualquer cousa, se *melindra* e ficou assim uma *pessoa doente e descorada*.

Thalia (B. C. G. — Rio Grande)

1—1—2—Na *intervenção* do *padre jesuita* não houve *intuito* algum. Fez elle aquillo *sem obrigação*.

Marechal

NOTA — esta ultima novissima é para supprir a falta desta Capital.

ENIGMAS 60 A 67

(A's distinctas confreiras da Bahia, na pessôa de Roxane, a Rainha do Imperio da "A. B. C.")

Don Manolo Sanchez, audaz abencerragem,
Que a mente calcinava a vil cubiça do oiro,
Sonhára certa vez, que encantado thesoiro
Acharia em centraes, em longinqua paragem...

Aprestando a galéra, o intemerato moiro,
E, embarcando, a seguir, a brilhante equipagem,
Aos extremos se poz, sob o elmo da coragem,
—Argonauta a buscar o Vellocino loiro...

Sobre os mares passou longos dias e noites,
Dos vendavaes soffrendo os rigidos açoites,
Sem poder realizar o seu doirado sonho...

Hoje, pobre, lembrando essa infausta aventura,
O remorso o corrôe e a saudade o enclausura
Na *intensidade* atroz de seu viver tristonho.

Julião Riminot (B. dos F. — Santos)

NOTA: — A' primeira decifradora, entre as charadistas da Bahia, que remetter a solução ao autor, será entregue, como premio, o livro *O mar, a terra e o céu*, de Martins Fontes.

Rua Julio Conceição, N. 100.

(Ao celebre Pompeu Junior, antigo charadista).

Conheço um certo europeu
Que quando se lhe pergunta
O que é, e onde nasceu, —
— O que sou? — responde e ajunta
Um gesto breve, apontando
O *animal* que está montando.

Datrinde (A. B. C. — Bahia)

Um verbo de tres letrinhas,
Sob as pedras, no garimpo,
Eu vi, cheio de pintinhas
Pretas, e quasi eu o *limpo*.

N. Zinho (A. B. C.)

(Ao alto espirito de Julião Riminot, embrando o seu magnifico "Aninho").

Dona Martha foi á pedra
E escreveu *quatro consoantes*:
— "Digam disto que é que medra
Meus grandes e bons pedantes?"

— "Ora! que medra!" No caso
Um gajo mette o bedelho...
"Medra o *signal*, petreo e raso,
Que ha nos campos do Zé Velho!"

Das letras que Dona Martha
Lá na pedra escrevinhou,
Como se diz, gente farta?
Como se diz, Riminot?

Chantecler (A. B. C. — Bahia)

Quando ouço dous e tres,
Fico sério, olho p'ra Deus...
Nem fazer posso outra cousa,
Não é dos habitos meus.

Não faço tambem finaes,
Pois não ha palhaço em frente;
Pelo contrario, ha respeito
E só e só muito crente.

A prima affirma que, assim,
Procede um typo repulso,
Que, por ser mal educado,
Deve ser dali *expulso*.

Violeta (A. C. L. B. — Recife)

Aquelle que ensina
Tem bom coração
E o mal elimina
Com grande aversão.
Traz sempre no peito
A nota do bem.
E neste conceito
O mundo lhe tem.
Mas, vindo a tal nota
Um dia a perder,
E' certa a derrota
Quem ha de o valer?
E, assim, da alegria
Da tal profissão
Terá nalgum dia
A dor, a afflicção.

K. Niveta (Da A. C. L. B. — Recife)

O Chico vendo um *fantasma*
Das florestas seculares,

Em tregeitos singulares
De mêdo e de horror se pasma.
Rebuscando as suas forças
Abre o chambre pelo mundo;
De tal modo assás jocundo,
De vencida leva as corças
Infeliz, como elle só,
O Chico, porém, tombou
E, da cara, o sujo pó,
Bem o meio lhe empoou.

Amir

Desde que esta criminosa,
Dentro de casa entrou,
Venho sempre observando,
Que a *fome* nella implantou.

Olivares (Pomba, Minas)

CHARADAS 68 A 71

Num *canto* solitario do jardim—2
Estão a conversar dois namorados.
Fitando os olhos della, immaculados,
Elle, cheio de ardor, lhe diz assim:

"Por um beijo em teus labios de carmim
Eu me esqueço de todos os cuidados,
De todos os momentos malfadados
De que é cheia esta vida tão ruim".

Porém, ella que é esperta, *tem suspeitas* —2
De que o moço é grandissimo pirata,
Por isso não lhe crê nas phrases feitas.

E elle, começa a ver, com emoção,
Que cruel ironia se retrata
No rosto da *mulher* de sua paixão.

Altivo Trindade (Formiga — Minas)

O crime? E' baixo e vil o criminoso?
Não é perdoavel o acto que pratica?
— Se o assassino mata para o goso
De saciar todo o mal que fortifica

Sua alma de sicario, é vergonhoso,
E' vil, é imperdoavel; vergonhoso,
Tudo que é bom num ser que de harmonioso
Exista, onde o mal só vivifica!...

No emtanto, *julga* o crime praticando—1
Por um bom, no momento que exaltado
Mata, mas... arrepende logo em cima!

O desgraçado, — perdoem a *expressão* —2
Digo: infeliz, — terá o seu perdão?
— Se formos bons até a nossa *estima!*

Therezinha (S. Paulo)

Acurvado ao bordão, esqualido, sózinho, um misero mendigo, um pária, que a desgraça lançou, como um destroço, á margem do caminho, implora á caridade um pão, de praça em praça.

Ninguem tem para elle um olhar de carinho, quando, por entre a turba indifferente, passa; e arrastando, cansado e tropego, a *carcassa,*—2 prosegue o seu destino anonymo e mesquinho.

Quantas vezes, talvez, como um rafeiro, á noite, a vagar, esfaimado, atalho por *atalho,*—2 em busca de um tugurio, onde, afinal, se acoite,

não consegue encontrar, esse infeliz mendigo — uma alma que lhe dê, solicita, agasalho! — um *refugio* qualquer que lhe sirva de abrigo!

Jubanidro (São Paulo)

Você *cumpra* as ordens, ouça:—2
Dê no *peixe* uma fervura,—2
Emquanto a' mulher, na loiça,
Dá primeira costura.

Jovaniro (A. C. L. B. — Nazareth)

LOGOGRYPHOS 72 A 74

Senhor—8—9
No *Rio*—5—6—9
Calor
Está
No entanto,
Este *homem*—1—2—5—4
De *aspecto*—6—3—8—2—7
Sombrio
Tem frio
Tal qual
N'o *inferno.*

Mr. Trinquesse (São Paulo)

Se fôres a certo *Rio,*—12—4—8
Despoja esta roupa velha—3—4—2—11—8
Antes de occupar o leito;
Mas, se fôres a *cidade,*—10—6—11—7—5—8
Não procura conhecer

Coisa que *faz andar muito,*—12—13—11—1—2—9—10
Para o *peito* não lhe arder.

Alvasil (Bahia)

Alegria é, *sim*, bem passageira,—8—2—5
Nem sempre nos faz bem;—7—4
E' *novo* riso, é uma festa inteira—7—8—1—4
Que do céo provém.

Tristeza, é *mal* que bem perdura—1—6—3—2—8
Em nosso pensamento,
E, faz da vida uma tortura,
Um grande desalento

Alegria, tristeza, duas forasteiras
Que trazem paz e dor;
Esta passa lenta, aquella *sim*, ligeira—8—3
Qual o *beija-flôr.*

Violeta (A. C. L. B. — Recife)

FIGURADO 75

(*Ao Marechal, homenagem do autor*)

Paracelso (Bloco dos Fidalgos — Santos)

PRAZOS

Terminarão: a 14, 19, 25, 27 e 29 de Abril proximo e a 4 e 9 de Maio seguinte. O primeiro prazo refere-se aos decifradores desta Capital e localidades proximas servidas por linhas ferreas ou via maritima; o segundo, aos dos outros pontos mais afastados de S. Paulo, Minas e Estado do Rio, e bem assim os do Paraná e Espirito Santo; o terceiro, aos da Bahia, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; o quarto, aos de Sergipe, Alagôas e Pernambuco; o quinto, aos da Parahyba até o Piauhy e bem assim aos de Matto Grosso; o sexto, aos dos restantes Estados; o setimo, aos de Portugal, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

As justificações relativas aos pontos recusados e toda outra reclamação referente ao presente numero, deverão vir dentro dos dois terços dos respectivos prazos.

MALHANDO

Bisbilhoteiro, cuja fama de "*Janelleiro*" de 1ª classe transpoz o Oceano Atlantico, conhecidissimo na *haute gomme* e nas rodas literarias pela sua alta distincção e seu saber profundo; *Bisbilhoteiro*, cujo apparecimento entre nós é motivo de justa alegria, pelo desopilamento que nos causa ao figado bilioso; o *Bisbilhoteiro*, emfim, para tristeza dos 500.000 pares de leitores do "*O Malho*", tem andado, ultimamente, todo retrahido, todo macambuzio, todo sorumbatico, todo "vá amolar o boi", por causa de um pequeno desgosto que lhe causou o *Barbazul*.

Para o *Bisbilhoteiro*, esse pequeno desgosto assume proporções formidaveis.

Quasi sempre e invariavelmente, suspirando, elle se queixa amargamente:

— E' essa a recompensa de quem confia demasiado nos homens!...

O leitor deve estar ancioso por saber a causa de tanta afflicção do nosso apreciado "Janelleiro".

Seja todo ouvidos:

Marechal, certo dia, revistando o vastissimo campo do charadismo e, presentindo-o quasi vasio, não hesitou que não bradasse mesmo em francez:

— *Aux armes citoyens!*
Formez les bataillons!

E o brado, de quebrada em quebrada, repercutiu pelo Brasil afóra, sendo ouvido até em Portugal.

Immediatamente appareceram os voluntarios de Œdipo. *Barbazul* foi o primeiro a tirar carteira de identidade.

No calor do enthusiasmo, o Leão do Norte sacudiu a juba, soltou um brev rugido e ensaiou alguns passos.

São Paulo armou-se até os dentes.

Na Bahia o *Chantecler* e *Roxane*, dominados por um sentimento patriotico, instituiram a taça "Maria-Flôr" e em seguida organizaram o seu pequeno exercito, baptisando-o sob o pomposo titulo de *A. B. C.*

De todos os pontos do paiz surgiram adhesões.

O *Bloco dos Fidalgos* adheriu unanimemente.

A *A. C. L. B.* não se fez de rogada.

O *B. C. O.* incorporou-se.

A *T. E.* offereceu os seus valiosos prestimos.

Emquanto se organizavam os batalhões, o *Bisbilhoteiro* não cabia em si de contente, certo de, no fim da peleja, empunhar orgulhosamente o trophéu da victoria.

Essa certeza provinha da promessa que lhe fizera o *Barbazul*.

Esse ultimo affirmou ao nosso heróe, que, havia dois annos, já previa os acontecimentos e, como as virgens prudentes da biblia, teve o cuidado de armazenar material "bellico", como aquellas o azeite das lamparinas

Notando, porém, o ar de duvida do *Bisbilhoteiro*:

— Não duvides, queridinho. A victoria é nossa, sou capaz de jurar...

— Jura!

— Quero que me chamem de Barbaroxa...

— Ora bolas!

— Deixarei de fazer a barba durante seis mezes se não cumprir a minha palavra.

— Acceito.

Dahi em diante puzeram mãos á obra.

A coisa ia de vento em pôpa; era só chegar, ver e vencer. Eis senão quando, um inesperado enigma do *Spartaco* lhes veiu entornar o caldo! Succederam-se outros enigmas do mesmo autor. Novos fracassos!

Bisbilhoteiro, delirando de raiva, dizia de si para si:

— *Spartaco*, o que te vale é estares longe, bem longe das minhas garras, do contrario engulir-te-ia vivo!

Todavia, contando com a promessa do *Barbazul*, não fazia muito empenho em "desatarrachar" as soluções.

Finalmente, chegou o dia da prestação de contas.

Encontraram-se num bar.

— Felicito-me por tão desejado encontro, *Barbazul!*

— Senta-te e pede o que bem entenderes...

— Quanta generosidade!... *Garçon!* Duas "Cascatinhas".

— ...uma vez que desembolses a respectiva despeza.

— Unha de fome! Bem, vamos ao que nos interessa:

Cá dê a lista de decifrações?

— Qual lista? Estás delirando, *Bisbilhoteiro!* Achas-me com cara de pato?

— Lembras-te do juramento?

— Perfeitamente e começo a cumpril-o desde já.

Um mez depois, encontraram-se novamente. Por signal *Barbazul* estava escanhoadissimo da silva.

Vendo-o, *Bisbilhoteiro* não se conteve:

— Então *Barbazul*, ca dê a tua barba?

— Ha trinta dias que não lhe passo a Gilette.

— Entretanto estás liso como um ovo.

— Sim, mas nem por isso faltei e não faltarei á minha promessa, porquanto é o barbeiro quem se encarrega de raspar-me.

E deixando o *Bisbolhoteiro* mudo, quedo e boquiaberto, *Barbazul* voltou-lhe as costas.

AMIR

Villa Velha.

CORRESPONDENCIA

Lambary e *Don Lira* (Turma dos Bisonhos, S. Paulo) — Recebidos os trabalhos para os torneios communs.

Amir — Recebemos as *janelladas*. Uma dellas vae hoje.

Dama Verde (Bahia) — Na referida apuração, não apparecem seus pontos, porque a lista respectiva não nos chegou ás mãos.

Alvasil (Bahia) — Nada recebemos, nem solução alguma, certa ou errada, nos foi enviada. Tiramos da Taça o logogrypho recommendado.

Arthano (S. Paulo) — A carta foi posta no correio,por nós mesmos, no dia 27 do mez findo.

Tertulia Edipica (Lisbôa) — *Etienne Dolet* e *Sylma*, do Bloco dos Fidalgos, de Santos, por nosso intermedio agradecem os premios aos mesmos offertados.

ERRATA

Do n. 1.434:

Novissima, de Anjoro: o termo — *freira* — deve ser gryphado. Enigma, de Visconde de Adnim: leia-se — A medida — e não — A' medida — (4° verso). *Logogrypho* 46, de Julião Riminot: — escolhos — no primeiro verso, leia-se sem grypho. *Logogrypho* 47, de Lago: — Requião — no 6° verso, não deve ser gryphado. *Logogrypho* 48, de Datrinde: as aspas do termo — *idiota* — do 6° verso, devem desapparecer. Pagina 55, 1ª columna, linhas 21, — diverte-se — não — divertir-se —.

Ha outros sem importancia, ao alcance do leitor.

MARECHAL

O anniversario de "A Ordem"

A data natalicia da nossa confreira "A Ordem", constitue, de certo, uma das ephemerides mais gratas da nossa imprensa. Poucos jornaes entre nós se poderão gabar de uma linha de conducta tão nobre, tão elevada, tão digna. Fazendo embora o jornalismo partidario, especie rara em nosso meio, exactamente pela falta de partidos, a folha que é hoje o orgam dos democratas cariocas, póde entretanto servir de exemplo a outros sem compromissos dessa especie, pela escrupulosa honestidade dos seus processos de orientação do publico a que serve.

Ainda agora, na campanha de que acabamos de sahir, a folha que obedece á orientação do Dr. Mattos Pimenta, resistindo galhardamente a todas as fortes suggestões e ambientes, conseguiu manter-se inteiramente fiel aos pontos de vista doutrinarios que trouxe para o campo da sua acção em pról dos nossos costumes politicos e sociaes.

Não sabemos mesmo, na imprensa do Brasil actual, de outro orgam que possa disputar á "Ordem" o logar que conquistou no jornalismo de convicções. O publico, aliás, já o sentiu, em parte. O apoio que este lhe está dispensando é a consequencia apenas da confiança que elle lhe soube inspirar nesse curto prazo de vida que contou até aqui.

O publico brasileiro perdeu ha tanto tempo já o contacto com o jornalismo de principios, que o jornal de Mattos Pimenta lhe dá impressão de uma perfeita novidade. Assim tambem se justificam o interesse e a curiosidade que elle desperta do lado das folhas que estão mudando ao sabor das correntes, para melhor acompanharem de resto as vagas inconstantes da nossa opinião. O seu triumpho se torna, por conseguinte maior, porque mais duradouro. Mesmo nos dias utilitarios de hoje, ou talvez sobretudo por isto, o sacerdocio na imprensa abre os sulcos mais profundos da cnosciencia collectiva. Os nossos confrades d'"A Ordem" devem tel-o já, como nós outros sentimos na atmosphera de respeito e de admiração que cerca o seu jornal, com cujo successo todos nós nos devemos felicitar a bem dos creditos do proprio jornalismo nacional.

O predio Martinelli

Para que os nossos leitores possam fazer uma idéa approximada da monumental construcção com que o Commendador Martinelli dotou a cidade de S. Paulo, damos aqui alguns dados que caracterizam bem a grandeza do formidavel edificio tido como a maior construcção de concreto armado do mundo, sabido como é, que as congeneres da Norte America, são de estructura metallica.

Na construcção se empregaram tres mil toneladas de ferro; 30.000 barricas de cimento; 2.000 metros quadrados de marmores. O predio tem 2.500 janellas, 3.000 portas. Será servido por 12 elevadores de rapidez desconhecida entre nós. Pesa 50.000 toneladas. A escadaria somma 600 degráos. Para agua quente e fria, "chauffage", gaz, etc., se empregaram mais de 200.000 kilometros de encanamentos. Dispostos em linha recta seguida, esses encanamentos poderiam ir, mais ou menos, de S. Paulo a Araras ou Piracicaba, ou á Serra Negra, ou a Guaratinguetá, ou a Itapetininga, ou a Campos do Jordão. Com o cimento que no edificio se gastou, poder-se-ia fazer uma parede, de um metro de altura, de S. Paulo a Santos, ou circumdar a Paulicéa com um muro de metro e oitenta centimetros de alto. Dispostas em uma só linha as barras de ferro que constituem o esqueleto do edificio Martinelli, se attingiria uma distancia de 3.000.000 de metros, o sufficiente para contornar S. Paulo 50 vezes.

— *Doutor, este sujinho não quer limpar os dentes.*
— *Compre-lhe* Dentol, *meu caro, elle nunca mais esquecerá!*

Indifferença

Amo-te muito e cada vez mais.
Bemdita a hora em que meus olhos te viram.
Das minhas pupilas jámais sahiste.
Nunca mais me esqueci de ti!...
Confiei em ti, nas tuas palavras,
e em tudo o que me disseste:
dei-te meu coração puro e cheio de affecto
fiz de ti meu ideal,
grande foi e será meu amor.
As horas que passo comtigo
são as mais felizes da minha vida
fitando teu semblanto moreno pallido,
olhando para os teus olhos,
sentindo teu calor,
ouvindo tua voz,
me esqueço de tudo, querido,
Para pensar somente em ti.
Sem ti eu não comprehendo mais a vida
para mim hoje tu és tudo;
grandes illusões acalento dentro d'alma;
Julguei que a tua ausencia
me fizesse esquecer de ti;
porém parece até que augmentou mais
todo o bem que eu te queria.
Agora tenho ainda mais ciumes de ti...
Em todas as mulheres vejo uma rival.
Quando estás distrahido,
pensando não sei em que,
ou não sei em quem,
tenho ciumes do teu pensamento,
desejava penetrar dentro delle,
adivinhal-o ....W....
Tu, infelizmente, não me comprehendes...
és muito retrahido, indifferente mesmo;
parece até que não me estimas...
Si tu soubesses quanto eu te idolatro...
Si tu soubesses quanto ciume tenho de ti...
Mas tu, nem de leve o suppões,
nem de leve o presentes.
Olha, meu amor:
Quando partiste eu chorei tanto!...
Tres dias e tres noites
foram pouco tempo para todo o meu
martyrio!...
ninguem viu minhas lagrimas
ninguem dellas suspeitou!...
si tu soubesses as saudades,
as saudades que tenho,
que sinto por ti,
de certo serias mais meu amigo,
mais affectuoso...
mais dedicado...
mais meu...
Mas, não importa,
eu continuarei a te amar sempre,
Sempre...
indefinidamente...

31—1930.

CELIA

AS "CONFISSÕES" DE KIKI, O MAIS LINDO MODELO DE PARIS

Kiki, a linda "Rainha de Montmartre", escreveu, no anno passado, as suas "Memorias", como as escreveram os grandes generaes de todas as historias, e deu-lhes o nome suave de "Confissões".

São lindas as confissõe de Kiki.

"Nasci a 2 de Outubro de 1901" — assim começa o seu livro. E com linguagem serena, impregnada de uma suavidade deliciosa, ella conta as emoções mais estranhas de sua vida aventurosa. Desde o dia em que, mocinha, pobre, faminta, maltrapilha, pediu por misericordia, um pouco de alimento, a um artista, tambem miseravel, do "Quartier Latin", até ás grandes consagrações dos poetas, que, todos elles, fascinados pela sua belleza e pela sua graça, vieram — borboletas fascinadas! queimar-se nas chammas allegoricas do seu carro de triumpho.

Kiki conta, com emoção religiosa, como um dia um grande artista russo queimou os moveis de seu quarto para a abrigar do frio. E refere, com enthusiasmo, á paixão que lhe consagrou o pintor Utrillo, o qual, escreve Kiki: "Em vez de pintar-me a mim, que posei duas horas para elle, pintou uma casa".

Conta, tambem, a historia das suas prisões, demorando-se numa em que se apaixonou por um soldado que nunca mais viu. E fala muitas vezes nesse soldado. E' o unico homem a quem se refere com certa ternura e affecto...

Conselho d'Amigo...
Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

DORES UTERINAS
UTEROGENOL
FALTA DE MENSTRUAÇÃO

CONTRA RHEUMA
O MELHOR REMEDIO CONTRA
RHEUMATISMO
ARTHRITISMO
DORES SCIATICAS
E GOTTA!!
FABRICANTE E DEPOSITARIO
PHCO SOCRATES DE OLIVEIRA RIBEIRO.
RUA DA CONSOLAÇÃO 410 — SÃO PAULO

CAIXA DO "O MALHO"

LINS CAVALCANTI (Aracajú) — Seu trabalho: "Nunca mais" está longo. Nunca mais escreva uma cousa assim tão comprida para *O Malho*, porque vae custar a sahir por falta de espaço.

O ultimo verso tem um "a não verei jámais" e os anões são pequeninos, muito menores do que seu "Nunca mais".

Quanto á publicação do livro de versos deve pensar bem primeiro antes de o fazer. Publicar livro de versos e casar só se deve fazer após muito meditar. Parece até que rimei, não?

JOÃO DAMIÃO ROCHA (Rio) — Quem lhe disse, ó João Damião, que eu era veneravel? Recebidos os versos e o pedido de publicação. Serão publicados, sim, porque você que tinha melhorado, peorou depois, mas está melhorando outra vez. Antes assim, não é? Mas aquella historia de veneravel commigo é que me obriga a lhe dizer: — "Commigo não, Damião"!

F. CAMELIER (Estancia, Sergipe) — Seu pequeno poema será publicado. Continue.

JOÃO DA CARIOCA (Rio) — Desista, João, de fazer versos. Vá apanhar limão, ó João, como diz o samba popular.

Vou fechar a Cesta com chave de batatas publicando suas quadras intituladas: "Louvando" e que não merecem louvor algum. Merecem, ao contrario, uma roda de páo.

Eis o cesto de batatas poeticas:

"Oh meiga flor dos jardins
De aureos encantos mil
Que és como os cherubins
Bem o diz teu perfil...

Teu fino corpo exhala
Arôma qual de jasmin
Com o brilho da opala
Teus olhos reflectem em mim...

Teus lindos cabellos loiros
Com os bellos cachos d'oiro
Adornam-te a fina tez...

Que és simplesmente sublime
Por certo bem o exprime
Tua expressão cortez..."

Depois de ler isto a bella dos "cabellos loiros como cachos d'oiro", em vez de continuar com expressão cortez fará, por certo, um gesto descortez, dando-lhe com a janella na cara quando você passar pela sua porta. E é muito bem feito. Eu, se fosse ella, faria cousa ainda muito peor. Está duvidando? Pois faria, mesmo, João Bobalhão.

A. C. F. (S. Paulo) — Seu trabalho vae ser lido e julgado.

MUSA (S. Paulo) — O "chromo" ficou aguardando opportunidade no mez de Junho vindouro e o soneto intitulado: "Numa fuzarca", como diz o povo foi repouzar na cesta.

Não desanime por isso e mande cousa mais comedida, ou com mais medida...

M. TINOCO (Nictheroy) — Um tanto piegas porém publicavel o trabalho que mandou. Havendo carencia de materia irá ella tapar o buraco na composição da pagina. E olhe que não é pouco.

D. CHAGAS (Jaguarão) — Seu trabalho "Lagrimas" nos fez verter algumas quando notamos as syllabas tonicas deslocadas em diversos dos seus decasyllabos.

Exemplos:

"Lagrima de mãe, perola sagrada"
"Lagrima de Amor! como és infinita"...
"Lagrima de irmã, lagrima bendicta
"Quero em meus olhos teu rispido effeito;"

Trate de concertar estas e outras cousas, como aquella "lagrima rubra e crepitante"...

Era sangue ou era lagrima de foguete?... Resolva o caso e mande dizer em que ficou.

JOÃO DAMIÃO ROCHA (Rio) — Seu soneto "Arrependido" está cheio de falhas. Depois dellas apontadas o poeta deve ficar tambem arrependido de ter escripto taes versos.

Vejamos:

"Aqui eu venho triste e arrependido,
Tal qual um peccador lá do levante,
Pedir-vos com o peito agonisante, ó
Perdão para o meu crime cammettido.

Amei como transloucо e imprecavido,
Quem por mim não reteve o peito amante,
— Quando lembrou a mim fôra divido!

Perdão! porque peccar por ter amores
Puros, immaculados, sacro-santos,
— E' espalhar no infinito algumas flores!...

Perdão se por amar assim pequei!...
— Fôra a poesia destes tristes cantos,
O amor desta mulher que tanto amei!"

Além de ter o 3º verso frouxo o segundo quarteto é confuso, incomprehensivel e cheio de incorrecções grammaticaes. Corrija isso e volte, pois você tem algum geito para a cousa.

A poesia: "Realidade" precisa tambem de concertos, tirando aquelle "amo lesta" e um decassylabo de 11 pés:

"Que divisei la na curva do horizonte".

Tem pelo menos um lá de mais que faz do si é que não torna a poesia ré cofessa perante a luz do sol...

ROBERIO DE VILLAR (Bahia) — Zangou-se com a critica dos seus versos? Podia ainda ser peior. Desde que teima em ser poeta por que não educa seu ouvido no rythmo da metrica?

Para que não se pense que é má vontade minha contra o Roberio aqui vão suas quadras — la delle — intituladas: "Ouro da terra", e que são verdadeiro latão dourado com Sapolin ordinario:

"Mulher — ouro da terra,
é bem verdade a asserção,
pois o seu peito não encerra
Tanto ouro, em profusão?!

O seu peito é u'a mina
e o coração — a pepita...
Lá dentro o ouro domina,
cá fora, elle palpita...

E' bem clara a verdade,
patente qual axioma:
Ouro, santa, beldade,
virtude, graça, aroma!

Mulher é ouro da terra,
é flôr do peito alagado,
cantiga molle da serra,
canto do peito abrazado!...

Mulher é tudo na vida,
sem ella — ai! humanidade! —
Tu viverias perdida
na tua pobre humildade!

E' ouro humano esculpido
na carne humana que aberra...
mulher, seja isto bemdicto
és ouro, só ouro da terra!..."

"Ouro banana" é sua poesia molle com aquelle peito alagado, naturalmente de suor com o calor que tem feito.

E depois o Roberio ainda se zanga quando o mandamos cuidar de outra vida, como por exemplo: britar pedra com o cotovello na pedreira de S. Diogo, em falta de uma mina onde vá cavar uma mulher de ouro...

ELZA ROSALINO (Bahia) — Recebi sua carta com os trabalhos que serão publicados e lhe agradeço muito a delicada lembrança que me enviou. Segue carta registrada com os trabalhos a que se refere. Quanto á poesia da Illustração ainda não acertou. Aquelle soneto a que se refere está muito superior aos meus fracos meritos, creia.

BRIGIDO TINOCO (Nictheroy) — Dos trabalhos que mandou será publicado o "Ausencia". Nos outros ha ausencia de metrica:

"Mas como posso eu deixar de vel-a"

Além de repetição de "sempre" tres vezes, sempre á mesma cunha. E' pena porque os versos não estão máos de todo.

J. MACEDO (Pouso Alegre) — "Assombrações" e "Meu sonho" serão publicados mais pela extravagancia da concepção. "Visão de bondade" tem frouxo o primeiro verso do segundo quarteto.

ALFREDO NAGILE (Sorocaba) — Os oito trabalhos enviados vão ser lidos com cuidado para o julgamento. Um delles já o foi: "O pugilista elegante". Já respondi á pergunta que formulou por ultimo.

Cabuhy Pitanga Junior.

Officinas Graphicas d'O MALHO